FPF_DPF_04_014
(D)

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PROGRAMA DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

PROFESSOR ORIENTADOR: PAULO FREIRE

POSSIBILIDADES E LIMITES DA PESQUISA PARTICIPANTE
A EXPERIÊNCIA DE SANTA ROSA DE LIMA

POR

WILSON SCHMIDT

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende não só atender a um requisito de obtenção de um título acadêmico mas também ser um momento de reflexão a respeito da prática que vim desenvolvendo nos últimos anos entre as aulas do curso de pós-graduação e a tentativa de estabelecer um trabalho de pesquisa-ação no município catarinense de Santa Rosa de Lima. Meu principal objetivo, na verdade, é refletir sobre as possibilidades e limites de um trabalho desta natureza como alternativa válida de pesquisa para o professor-pesquisador. Está envolvida nesta reflexão, é verdade que com as limitações de tempo impostas ao presente trabalho, a análise das condições pessoais e estruturais às quais o pesquisador e a população envolvida no trabalho estão submetidos.

O primeiro ponto da minha reflexão será, nesse sentido, uma tentativa de explicitação do processo que me levou a tentar realizar um tipo alternativo de pesquisa. Começarei pela apresentação de um breve relato da minha história de vida, tentando ilustrar as referências que marcaram minha formação religiosa humanista, referências essas que determinaram, a nível de idéias, uma espécie de "sincretismo" que, segundo acredito, deve ser depurado quando se tenta trabalhar com educação. Como será demonstrado no breve relato de vida a seguir, o pesquisador, em sua tentativa de busca de caminhos alternativos de ação, atua como elemento ao mesmo tempo determinado e determinante. Daí vem a necessidade de refletir a respeito do que é determinação do meio social em que o pesquisador vive e no qual ele tem possibilidades de buscar novas alternativas de atuação.

No primeiro capítulo do trabalho, tentarei traçar um breve diagnóstico da realidade de Santa Rosa de Lima. Procurarei responder à pergunta "O que é Santa Rosa de Lima?" a partir da recuperação de aspectos da formação histórica desta comunidade e da apresentação e análise dos fatores socio-econômicos, políticos e educacionais que se manifestam no presente momento. Este diagnóstico é uma base que nos permite perceber a dinâmica do processo histórico-social do município.

No segundo capítulo, apresentarei, ao lado do relato a

respeito de cado passo do processo de pesquisa, uma reflexão sobre a importância de cada um desses passos no corpo da pesquisa. Este relato e esta reflexão têm como objetivo traçar o perfil de uma proposta alternativa de trabalho de pesquisa-ação.

O que me levou ao trabalho de pesquisa-ação - uma breve história de vida

Nasci a 04 de setembro de 1953, numa pequena comunidade de colonização alemã em Anitápolis, interior do Estado de Santa Catarina.

Quando se casaram, meus pais vieram morar próximos à família de minha mãe. De início, meu pai trabalhava "a meia" com um irmão, numa serraria pica-pau (1); passou em seguida a trabalhar como "agregado" (2) na terra de um cunhado. Em alguns anos de trabalho conseguiu economias suficientes para comprar um lote de terra (25 hectares) de meu avô materno. Com mais algumas engordas de porco (à época do governo Juscelino) conseguiu reunir dinheiro suficiente para adquirir um terreno maior (45 hectares) em Santa Rosa de Lima (onde vivia a sua família).

Em 1960, a família (agora com mais três membros) mudou para Santa Rosa de Lima. No ano seguinte, entrei para a escola. Uma grande dificuldade que tive foi a aprendizagem inicial da língua portuguesa, pois, até então, eu só falava alemão. Assim, as primeiras letras e sílabas que escrevi formavam palavras e frases que me soavam estranhas.

A escola era do tipo multisseriado: a professora lecionava para quatro séries ao mesmo tempo. O objetivo maior estava em aprender a escrever, ler, fazer contas e decorar alguns conteúdos referentes a conhecimentos gerais. Os exercícios mais comuns eram: "cópia" de letras, sílabas e textos, "ditado" de textos, leitura oral, decorar "pontos" e resolver cálculos e problemas de matemática. Para complementar as tarefas de classe, havia "deveres de casa". Ai de quem não aprendesse a lição ! Ficava "de castigo", o que podia variar entre escrever a lição várias vezes a ficar de joelhos diante dos colegas.

As aulas eram dadas de manhã, o local variava em função

do prédio, que era geralmente uma casa ou paiol desocupado cedido por algum colono. As divergências político-partidárias de pessedistas e udenistas dificultavam um acordo. Em quatro anos, tive aula em cinco locais diferentes.

No mesmo ano em que entrei na escola, comecei a trabalhar. Ajudava no trabalho da roça: roçar, capinar, colher, levar milho para a atafona e arroz para o pilador, etc. Este foi um dos motivos que levaram meus pais a se opor à minha intenção de ir para o seminário no final do 4º ano primário. Eu era o filho mais velho, indispensável para o trabalho na agricultura de subsistência da família.

Mas, ir para o seminário significava, no interior, a possibilidade de continuar a estudar e de sair do lugar. Meus primos e colegas mais velhos, que lá estudavam, me convenciam das vantagens. Ante a minha insistência, e mesmo com o risco de não conseguirem pagar as anuidades, meus pais cederam.

Em fevereiro de 1965 começava minha vida de seminarista no Pré- Seminário de Anitápolis. Ao mesmo tempo, eu cursava o Admissão na escola local. A adaptação foi difícil, principalmente nos estudos. Na metade do ano fui transferido para o Seminário menor de Salete. Novo problema de adaptação: muita gente junta (quase cem internos), disciplina severa, ameaça de expulsão para quem infringisse o regulamento, religiosidade imposta. Eram ainda os anos da "linha dura" do seminário. Nos estudos ia bem, apesar de ter sido quase reprovado no Admissão; no 3º ano do ginásio já era um dos primeiros da classe (condição que sempre disputava até o 3º ano da faculdade). Li na época todos os romances disponíveis na biblioteca do Seminário.

O fim do ginásio coincidiu com o começo da "abertura". Houve relaxamento na disciplina e incentivos para a dedicação a atividades como: trabalho braçal - que gerava descontos na anuidade;organização de grupos culturais para teatro; participação na elaboração do Boletim Informativo do Município, que saía (mimeografado) mensalmente; esportes (a participação do Seminário dava ao município de Salete a hegemonia nos jogos regionais e grande destaque nos Jogos Abertos Estaduais). O articulador da abertura, Pe. Bruno Trachtler passou a ser acusado, pelos padres

mais conservadores, de estar "acabando com o seminário". De fato, com as "janelas" mais abertas para a realidade, o seminário nos oferecia a possibilidade de reoptar na escolha dos caminhos a seguir no futuro.

Com um grupo de oito colegas, fui para o Seminário Maior de Vila Mangalot, na periferia de São Paulo (Zona Oeste). No curso de Filosofia, tive contato com colegas de outros seminários e de outros cursos. Após ter sido eleito membro de uma chapa para o Diretório Acadêmico, comecei a despertar para a atividade acadêmica. Por ocasião da morte de Vladimir Herzog, nos tempos mais "duros" da repressão, as Faculdades Anchieta de São Paulo paralisaram as aulas por três dias.

No Seminário Maior, houve grande crise de valores: muito questionamento, colegas que começavam a sair do Seminário. No ano de 1975, o grupo que havia cursado os três anos de filosofia pediu um "ano de estágio" (3). O Conselho Distrital me indicou como local de trabalho Porto Walter, paróquia dos padres espiritanos no interior do Estado do Acre. A idéia de ir ao Acre "contagiou" colegas do D.A. Ficou combinado que eu iria e "abriria espaço" (conseguiria emprego) para a ida de mais gente.

Em 1976, viajei para o Acre, de ônibus até Cuiabá, de avião até Cruzeiro do Sul, lá aguardando alguns dias uma passagem de batelão para o meu destino. Quatro dias de viagem, com o Rio Juruá cheio. Em Porto Walter lecionava Estudos Sociais e Língua Portuguesa num ginásio do Estado, em prédio mantido pela Paróquia. Recebia do Estado 720 cruzeiros mensais. Era o primeiro emprego. Em julho do mesmo ano chega Pires (ex-presidente do D.A.) para lecionar Língua Portuguesa. Formávamos, junto com os Padres Francisco, Carlos Henrique e Hélio, um candidato a irmão, um bom grupo de convivência. Fora da sala de aula, fazíamos alguns trabalhos interessantes como alfabetização de adultos, teatro, organização de uma pequena cooperativa de compra e venda de mercadorias para seringueiros, etc. Isto levou a um conflito com o subprefeito e subdelegado da Vila e com o Bispo da Prelazia do Alto Juruá.

No final do ano resolvi não voltar para o seminário. Continuei trabalhando como professor "recibado" (4) do Estado em Cruzeiro do Sul. No ano seguinte, chega Lourenço para ir a Porto Wal

ter. Descobri que era impossível fazer um trabalho de equipe. Em Cruzeiro do Sul mais uma tentativa de trabalho pastoral frustrada por divergências com o bispo. O trabalho na escola é muito cansativo, pelo número de disciplinas e de aulas. Frustração com os resultados...

Em 1979, recebi um convite para lecionar na Universidade Federal do Acre, que foi prontamente aceito diante da falta de perspectivas. A universidade oferecia melhores condições para o ensino, e tempo para outras atividades como o trabalho na Associação de Professores e no Centro de Defesa dos Direitos Humanos.

Em 1980, recebi uma Bolsa de Estudos da Universidade para fazer Mestrado em Psicologia da Educação. Escolhi como local a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Um dos motivos da escolha foi o fato de ser esta a instituição que oferecia maior espaço para a reflexão a respeito das minhas preocupações com a prática política e pedagógica. Matriculado em três disciplinas, tive grande frustração com o conteúdo programático apresentado. Tranquei matrícula em duas delas enquanto decidia o que fazer.

Sempre que possível, viajava para Santa Catarina. Interiormente, crescia o desejo de voltar. Fiz inscrição no concurso para professores de 1º e 2º grau, mas não cheguei a prestar concurso. Consegui transferência para o curso de Filosofia da Educação, que considerava mais de acordo com as minhas aspirações. O programa oferecia novas perspectivas, principalmente em termos da possibilidade de eu refletir sobre minhas preocupações. Sentia no entanto grande dificuldade em acompanhar o ritmo de leitura e o nível das discussões teóricas.

Ao mesmo tempo, a convivência constante com a comunidade de Santa Rosa de Lima me levava a tentar compreender melhor alguns problemas que eu via e vivenciava. Assim, comecei a escrever alguma coisa a respeito da realidade, ao mesmo tempo que lia alguma coisa a respeito dos problemas que me interessavam. A elaboração de uma primeira "síntese precária" da realidade me permitiu perceber a contradição básica da Educação no interior. Surgiu, assim, um projeto de dissertação com o seguinte título:

O PAPEL DA EDUCAÇÃO EM PEQUENA COMUNIDADE DO INTERIOR: SANTA ROSA DE LIMA: UM PROGRAMA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO.

Na mesma época, começava no Município um movimento de organização do PMDB. A participação ativa na organização político-partidária culminou com a minha indicação como candidato a Prefeito. Percebi como era difícil conciliar a atividade de pesquisador com o trabalho de política partidária. Contudo, foi no decorrer deste processo de trabalho na comunidade e diante da percepção da diferença entre a realidade do município e a realidade que eu percebia na universidade, que eu senti que era possível estudar a realidade do local e sistematizar a reflexão feita lá de uma forma capaz de estabelecer uma ponte entre a vida acadêmica e o trabalho prático.

A participação na vida e nos problemas da comunidade, muito mais que a vida acadêmica, é que me inspirou a pesquisar da forma como fiz. Foi a partir desta vivência e desta inspiração que senti a necessidade de buscar instrumentos teóricos adequados aos objetivos que eu acreditava que devia realizar. Assim, a apropriação do instrumental teórico foi determinada pela prática com que eu estava envolvido. É verdade que a prática sofreu modificações a partir de um instrumental teórico que eu adquiri, mas é inegável que foi a partir dela que surgiu a pesquisa. Muitas vezes eu tive que ir aprendendo com a prática para poder continuar, pois nem sempre havia elementos teóricos que pudesse utilizar.

A elaboração de um audiovisual que serviu de texto de apoio para as discussões em torno de uma estratégia de desenvolvimento iria dar início ao trabalho de pesquisa-ação propriamente dito. Ressalta da experiência o fato de que, ao mesmo tempo em que se discutem os problemas da população, vai-se articulando politicamente a possibilidade de começar a resolvê-los. Com a aproximação do dia das eleições, surgiu o clima inevitável do confronto. Em razão desse confronto, o trabalho de diálogo em torno dos problemas vividos pela população foi prejudicado por uma campanha de difamação promovida pelo partido adversário, que foi iniciada por um processo cuja base foram acusações forjadas.

A perspectiva de a oposição vencer em um município pequeno como Santa Rosa não podia ser aceita pelo governo estadual. Diga-se de passagem que a tendência que se confirmou nas eleições foi a vitória do PMDB nas cidades maiores e a derrota nas pequenas. Houve pressões, compra de voto, etc. Tudo foi usado para impedir a vitória da oposição (5).

O fato de o PMDB perder as eleições no Estado e no Município repercutiu muito negativamente no ânimo da população. Mas ao desânimo pela derrota eleitoral opunha-se a consciência dos motivos da derrota. Em reuniões e conversas que ocorreram após as eleições, percebia-se a disposição de continuar na luta. Assim, decidiu-se que a plataforma eleitoral seria agora aprofundada nas reuniões comunitárias.

No momento, estou elaborando um diagnóstico da realidade local que servirá de texto de apoio para discussões em torno de uma Proposta de Estratégia de Desenvolvimento. A continuidade do trabalho depende da possibilidade de alguma universidade próxima ao local se interessar por este tipo de trabalho. Já tive contatos com a Universidade Federal de Santa Catarina, que tem alguns trabalhos neste sentido. A Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina também mostrou interesse.

Dada a própria natureza da pesquisa-ação, tal como me foi possível perceber nesta experiência, o relato aqui apresentado não retrata o estágio terminal de atuação, mas um certo número de etapas de um processo contínuo e permanente de envolvimento com a realidade, de uma opção de vida que implica uma reflexão, junto à população, a respeito da realidade vivida e das possibilidades de transformação desta realidade. Esta opção implica também a transformação do próprio pesquisador no próprio movimento do seu trabalho.

NOTAS

1. "A meia" é um tipo de trabalho agrícola em que a produção obtida é dividida meio a meio entre o proprietário da terra e o trabalhador rural (meeiro). Serraria pica-pau é uma serraria rústica movida a roda d'água.

2. "Agregado" é um trabalhador agrícola que entrega 1/3 da produção obtida ao proprietário da terra.

3. Ano de Estágio é o período em que o seminarista se afasta do internato para refletir sobre sua vocação para seguir a vida religiosa.

4. Professor recibado é um professor que não é estatutário nem contratado pela CLT e que recebe um salário cuja quitação é dada por um recibo por ele firmado.

5. No Anexo 1, são apresentados alguns documentos a respeito da eleição no estado de Santa Catarina e no município de Santa Rosa de Lima.

ANEXO 1 - DOCUMENTOS SOBRE AS ELEIÇÕES

CARTA CIRCULAR DIRIGIDA À POPULAÇÃO LOGO APÓS AS ELEIÇÕES

Prezado Sr. ..... e família

Para os companheiros com quem não tive a oportunidade de conversar pessoalmente, quero aproveitar o ensejo do NATAL e do ANO NOVO que se aproximam para agradecer. Aos que lutaram, trabalharam, muitos até com prejuízo próprio, e aos que no dia da eleição depositaram em nós o seu voto de confiança, o nosso MUITO OBRIGADO.

O resultado da eleição não foi aquele que esperávamos. Mas todo mundo já sabe o que aconteceu: o PDS ganhou a eleição comprando o voto do povo com o dinheiro do próprio povo. Somada a isto está a pouca vergonha dos líderes municipais do PDS que, fora o dinheiro, usaram da calúnia e da mentira como armas para ganhar eleição. A nossa luta serviu para desmascarar a política suja do governo. Foi uma eleição na base da pressão, da corrupção e da fraude.

Mesmo com tudo isto, o PMDB foi o partido que somou o maior número de votos em todo Brasil. Elegemos os governadores dos Estados mais importantes e em Santa Catarina passamos de 13 para mais de 60 prefeituras, entre elas as cidades mais importantes do Estado.

A luta do PMDB de Santa Rosa de Lima continua. Vamos cobrar dos eleitos que eles trabalhem atendendo àquilo de que o povo mais precisa:

- Melhores estradas até a casa de cada colono.
- Energia elétrica para todos.
- Assistência médica e dentária para as comunidades do interior.
- Água e esgoto para o povo da praça.
- Melhores preços para a agricultura (exemplo: o preço do fumo)
- Aumento salarial conforme a alta do custo de vida.
- A participação do povo nas decisões mais importantes da Prefeitura.

Para que esta cobrança funcione melhor, pedimos aos companheiros que nos escrevam contando o que está acontecendo em sua comunidade. Nós faremos disso um Boletim que será entregue aos nossos vereadores, deputados estaduais e federais e ao nosso Se-

nador Jaison Tupi Barreto.

Enquanto não arrumar emprego mais perto, o meu endereço fica sendo:

Wilson Schmidt
Rua Caiubi nº 342 - apto. 12
CEP 05010 - Perdizes
São Paulo - SP

A TODOS UM NATAL MUITO FELIZ E UM ANO NOVO DE MUITAS REALIZAÇÕES E RENOVADAS ESPERANÇAS.

Abraços

Wilson Schmidt

Os que furtam com unhas políticas as eleições em Santa Catarina

Maurício Tragtenberg

A "vitória" do PDS nas eleições para o governo estadual e para o Senado em Santa Catarina lembra-nos aqueles governantes a quem o pe. Vieira, na sua "Arte de Furtar", fustigava pelo abuso de poder, utilização da fraude em defesa de seus privilégios.

A última eleição em Santa Catarina assistiu a um desfile de irregularidades. Menores votando com títulos de eleitor; duplicação de títulos eleitorais, que permitia a seu portador votar em dois ou três municípios diferentes; transferência de títulos mediante atestados de residência "frios"; municípios paupérrimos onde não houve nenhum voto anulado; títulos eleitorais e cédulas fornecidas em troca de sacolas de alimentos.

Alie-se a isso o silêncio dos meios de comunicação de Florianópolis. Quando havia um comício do PDS eles inflacionavam o número de comparecimentos, e faziam o contrário quando se tratava do PMDB. Este reuniu na Capital, num comício, 20.000 pessoas, e isso não mereceu nota na imprensa local.

Ao silêncio liga-se a repressão: funcionários zelosos da Prefeitura retiravam os cartazes do PMDB; quem distribuía material em praça pública corria o risco de prisão. As Juntas Escrutinadoras, na sua maioria, compunham-se de "dependentes" do governo, quando não, integrantes do PDS. Dava-se a aceleração da divulgação da apuração das urnas pró-PDS e seu retardamento quando se tratava do PMDB. Surgia o "voto camaleão": o voto mudava de cor ao passar pela mão dos escrutinadores. Muitos escrutinadores sonegavam votos ao PMDB computando-os ao PDS; eram poucos por urna, muitos no total.

No município de Matos Costa, três menores votaram. Em Imauri, 400 defuntos "compareceram" às urnas, e em Tubarão títulos falsos eram trocados por sacos de alimentos. Foi nessa localidade que o jornal "O Estado" denunciara a existência de mais de 1.500 títulos duplos. Em Garopaba, além de menores votarem, houve o caso do sr. Manuel Bento denunciar que seu irmão já falecido "votara" também.

O município de Paulo Lopes recebeu no dia da votação uma "excursão" de eleitores vindos da Capital em 16 ônibus: recebiam

o título, apresentando a cópia carbonada da cédula para recebe - rem o dinheiro devido. A "Praia da Pinheira" ganhou um transformador de luz, em troca de títulos a menores, com a recomendação: votem no PDS.

Em Canoinhas, 400 eleitores transferiram seus títulos para Três Barras, e ali mais de 180 eleitores votaram sem Folha de Votação. Calcula o PMDB que, no conjunto, mais de 6.000 votos teriam que ser renovados, por vício radical de nulidade plena.

O candidato do PDS ao governo, Amin, vencera Jaison Barreto, do PMDB, por uma diferença de 12.650 votos. Para o Senado, Bornhausen (PDS) vencera Pedro Ivo (PMDB) por diferença de 1.439 votos, somente.

Outro fator de "vitória" do PDS foi a pressão sofrida pela população rural por parte de soldados; além de votarem - o caso de Chapecó e do Oeste Catarinense - fardados em jipe, alertaram a população de que caso fosse derrotado o PDS haveria uma "revolução" no Estado.

Foi tamanho o número de irregularidades que o PDS-2 de Ilhota, referindo-se ao município de Bom Retiro no proc. 389/82 ao TRE, salienta: "Temos agora não a denúncia de corrupção eleitoral, nas de violação de urnas, falsificação de assinatura de membros das Mesas Receptoras. Um exame mostrará quantidade expressiva de cédulas preenchidas por uma mesma pessoa, comprovando a fraude eleitoral."

Outro fator da "vitória" do PDS foi a transferência maciça de títulos no último trimestre que antecedeu as eleições, de municípios maiores para menores. Isso se deu em Joinvile, Porto Belo, Garopaba, Araquari, razão pela qual o PMDB, em recurso, solicitara a anulação de votos em 25 secções eleitorais. Isso aceito, mudaria e inverteria a relação entre perdedores e ganhadores.

Diplomados os "vitoriosos", têm eles a legalidade para o exercício dos cargos. Pergunta-se: isso significa legitimidade?

Diminuiria muito a fraude se a mesma Mesa que recebe os votos, após o encerramento da votação, os apurasse sob fiscalização dos interessados. Porém, legitimidade da representação, um dos motivos básicos da Revolução de 30, é algo muito longínquo no País, ainda em 1983.

Porém, o melancólico é que no episódio em nível estadual a cúpula do PMDB agira como se fora PMDS, pela omissão. Restringiu-se ao envio de um recurso cujo resultado é previsível.

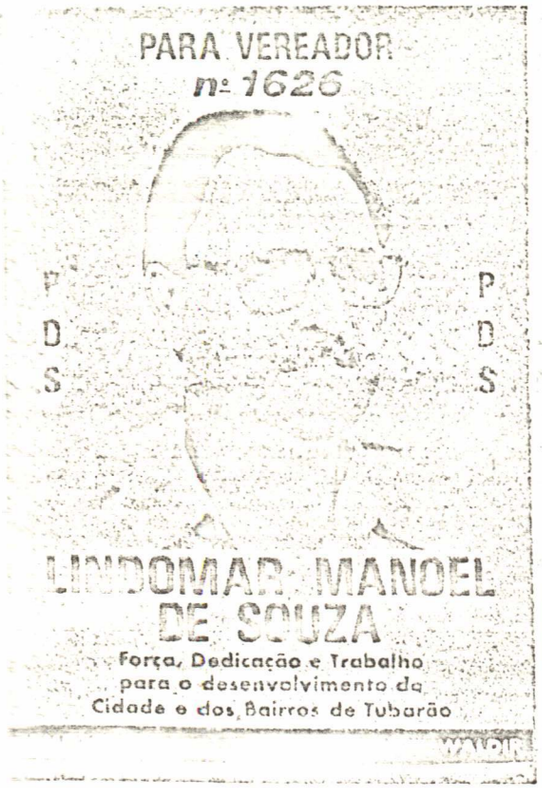
Transcrito da FOLHA DE SÃO PAULO, do dia 07 de fevereiro de 1983, página 3.

A CALÚNIA INVESTIDA PELO PREFEITO E PELO PRESIDENTE DO PDS

TRIBUNA SULINA

RUA 27 DE MAIO - CAIXA POSTAL, 470 - TUBARÃO-SC - 13 DE NOVEMBRO DE 1982 Nº 450 - REDATOR: BARTHOLOMEU MENESES - Cr$ 50,00

CANDIDATO DO PMDB: 6 ANOS DE PRISÃO



O Senador Wilson Schmidt, candidato a prefeito no município de Santa Rosa de Lima, pelo PMDB, poderá ficar de 2 a 6 prisão conforme preceituam os artigos 348 e 349 do Código Eleitoral. As penas previstas poderão ser aplicadas, caso o Juiz entenda condenã-lo com base na representação que lhe foi movida pelos senhores Lindofol Jucks, Norvaldo Wezn e Siegfrid Schug.

Na representação feita, tendo por advogado o senhor Pedro Antunes, os prejudicados alegam de que o senhor Wilson Schmidt cometeu crime eleitoral ao falsificar assinaturas, eliminando-os do partido do governo, isto é, fez a desistência simulada na ficha de inscrição dos citados senhores, usando para isto as assinaturas falsas.

Este caso tem chamado a atenção da população do município de Santa Rosa de Lima, que espera uma solução na justiça.

47

2. DOCUMENTOS

COMPRA DE VOTOS ATÉ COM CHEQUES SEM ASSINATURA:

CGC
[illegible]

Nº Conta 000.010=1 | Nº 252.756 AD | Banco 027 | Cr$ 10,000,00=

TURIBIO STUPP
R GERMANO HERMESMEYER

Cheque Preferencial

Pague por este cheque a quantia de Dez mil cruzeiros

e centavos acima

a

ou à sua ordem

Banco do Estado de Santa Catarina S.A.

BESC

SANTA ROSA DE LIMA-SC. 19 de novembro de 1982

143 SANTA ROSA DE LIMA SC
R GERMANO H MEYER S/N

CPF/
144.609.809/59

Nº Conta 000.005=5 | Nº 289.356 FG | Banco 027 | Cr$ 10,000,00

ALOISIO HEIDEMANN
STA ROSA DE LIMA

Cheque Nobre

Pague por este cheque a quantia de dez mil cruzeiros

e centavos acima

a

ou à sua ordem

Banco do Estado de Santa Catarina S.A.

BESC

19 de novembro de 1982

143 SANTA ROSA DE LIMA SC
R GERMANO H MEYER S/N

NEM O PAPA ESCAPOU:

MAIS VALE A HONESTIDADE, E A HUMILDADE, DO QUE SER FORMADO EM FACULDADE

PDS

Para Prefeito — TURIBIO STUEPP
Vice — JOÃO HELDEMAN

CAPÍTULO I

O QUE É SANTA ROSA DE LIMA - ASPECTOS HISTÓRICOS, SOCIO-ECONÔMICOS, POLÍTICOS E EDUCACIONAIS

Neste capítulo, pretendo elaborar uma espécie de síntese da realidade vivida pela população de Santa Rosa de Lima tal como eu a percebo. Para os fins desta elaboração, farei uso de algumas leituras a respeito da região e dos problemas que ela enfrenta, e de algumas conversas e entrevistas com pessoas pertencentes a diferentes categorias profissionais do Município (1).

Uma versão escrita em uma linguagem mais próxima do entendimento da população servirá de texto de apoio para a elaboração de uma proposta de Estratégia de Desenvolvimento do Município - que dará continuidade ao trabalho de Pesquisa-Ação aqui relatado.

A leitura da realidade histórica, socio-econômica, política e educacional de Santa Rosa de Lima é necessária à compreensão do contexto geral em que vive sua população - do qual a vivência que tive como pessoa e como pesquisador é parte integrante - e ao entendimento mais efetivo do modo como a pesquisa se desenrolou.

1. A situação geográfica

Santa Rosa de Lima é um pequeno município do interior de Santa Catarina. A "praça" que serve de sede ao município já ficou famosa por ser a menor cidade do Brasil (2).

A cidade fica a 120 km de Florianópolis. Contudo, quem pretende chegar lá não deve se enganar com a distância, pois a viagem feita de carro demora pelo menos 3 horas; de ônibus, demora o dobro. Além disso, não há ligação direta de ônibus com a Capital. A Empresa Reunidas, que requereu a linha, só chega a Anitápolis. O último trecho de 20 km até Santa Rosa não oferece condições de tráfego. A estrada neste trecho obedece ainda ao traçado de um antigo caminho de carros de bois. A região do Município é toda montanhosa (faz parte da Serra do-Tabuleiro), oferecendo poucas condições para a agricultura e a pecuária.

A população do município é de 1.700 habitantes distribuídos em uma área de 154 Km^2 (3). A maioria dos habitantes é de o-

rigem alemã, mas são proporcionalmente numerosos os descendentes de açorianos. Há ainda, em número bem menor, italianos que se concentram em uma pequena colônia na Costa da Serra.

2. Aspectos históricos

A história destes descendentes de imigrantes é muito parecida com a de todos os descendentes de imigrantes que hoje povoam os estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná. Conforme conta Maria Tereza Schorer Petrone na obra O Imigrante e a Pequena Propriedade (4), em meados do século passado, quando a evolução do capitalismo industrial provocava na Europa grandes desequilíbrios econômicos e demográficos, iniciou-se a imigração para o Brasil e para outras partes do mundo. Segundo essa autora, a este fator de repulsão juntava-se um fator de atração: a disponibilidade de terras. O capitalismo industrial investia na construção de barcos a vapor. Ganhava, portanto, com o transporte de imigrantes; mais tarde ganharia também transportando produtos para o consumo destes imigrantes.

Um dos motivos de o governo brasileiro ter incentivado grande número de imigrantes de diferentes nacionalidades a se estabelecer na região sul do Brasil (principalmente em Santa Catarina) teria sido o fator estratégico militar. Nesta época, o Brasil enfrentava sérios problemas provocados por seus vizinhos do Prata - o Uruguai e o Paraguai. Além disso, as comunicações com o sul eram dificultadas pelas incursões dos espanhóis que habitavam os países vizinhos e dos índios belicosos que habitavam a região.

Maria Tereza ilustra a importância que tinha a segurança da região citando o fato de os influxos das lutas na Cisplatina terem levado à diminuição do movimento de muares - de 20.000, em 1822 para 8.000 em 1828, conforme o Registro de Sorocaba (5). A possibilidade de possuir uma pequena propriedade atraiu muitos colonos (6). Esse aspecto, que ainda permanece como forte fator de motivação junto aos colonos, pode ser percebido claramente no texto do pe. Leonir Dall'Alba, que relata, em forma de crônica poética, uma história resumida da verdadeira saga dos imigrantes alemães (7).

Apesar da fertilidade da terra encontrada no vale do Braço do Norte, a colônia enfrentava os problemas do isolamento. Interessava justamente organizar colônias distantes para promover a valorização das terras, principalmente em se tratando de terras de regiões montanhosas que não interessavam ao latifúndio. A região do Braço do Norte tinha que "se virar" sozinha, sem ajuda externa. Isto a obrigava a produzir tudo de que precisava. O que não era produzido nas pequenas propriedades tinha que ser produzido em algum lugar da região.

O quadro abaixo ilustra como este processo de produção auto-suficiente da região evoluiu rapidamente, considerando-se que a fundação da colônia teria ocorrido por volta de 1874 (8):

	1878	1881
Moinhos motor/água	3	5
Atafonas	4	8
Engenhos para farinha motor/água	3	7
motor/animal	18	24
para açúcar	14	18
Alambiques	9	14
Teares	6	12
Olarias	1	3
Engenhos de serrar motor/água	-	1

A região, voltada para si mesma, produzia o necessário para a sua própria subsistência. A alimentação básica era obtida da própria terra com o auxílio da pequena indústria: atafonas, engenhos, serrarias, etc. À medida que a população aumentava, a colônia se expandia para as cabeceiras do Rio Braço do Norte. Surge o problema do confronto com os índios, antigos habitantes da terra. No início, conforme depoimento dos colonos, não havia problema; o que os índios faziam, quando muito, era roubar alguma ferramenta. Contudo, à medida que a colonização avançava, os índios iam sendo empurrados mais e mais para a costa da serra e ficaram sitiados entre a espingarda dos colonos e a pistola dos serranos (9).

Em 1912, chegam os primeiros colonos a Santa Rosa de Lima.

Se as comunicações do centro da colônia com outros centros já eram precárias, o que dizer das comunicações do centro da colônia com os seus extremos, em uma distância de mais de 50 Km entre caminhos e picadas?

A colônia de Santa Rosa de Lima também tinha de manter-se por si só. O povo se ajudava em mutirões para construir as primeiras casas, a igrejinha, a escola. O professor era pago pelos próprios colonos. Surgem as atafonas, os engenhos de açúcar e de farinha, etc. A colônia progride com o avanço sobre o território dos índios, garantido pela ação dos "bugreiros" (10).

Com o passar dos anos, as terras das cabeceiras menos férteis passam a se esgotar rapidamente. Mesmo com a existência de iluminação e com a expulsão dos índios, não há mais terra suficiente. Muita gente vai embora, primeiro para o Vale do Itajaí, mais tarde para o sul, o norte e o oeste do Paraná. Para aqueles que ficaram, a sobrevivência é garantida pela agricultura de subsistência. Nesta época, produz-se muito pouco para vender "lá fora", mas também se compra muito pouco.

3. A passagem da agricultura de subsistência para a agricultura comercial

A agricultura na colônia de Santa Rosa de Lima era basicamente de subsistência. Havia venda de porcos, que eram engordados à base de milho e batata doce cozida. O dono da "venda" é que fazia o papel de intermediário: comprava o porco dos colonos e levava a banha até o litoral, primeiro em "cargueiros", mais tarde em carros de boi ou carroças (11). Na volta, trazia as mercadorias necessárias para abastecer os colonos. Essa situação começa a se modificar a partir dos anos 60, quando aparece na região a empresa agro-industrial Souza Cruz, voltada para a monocultura do fumo.

Ao mesmo tempo, passa a haver incentivos à atividade agrícola voltada para os produtos de exportação, como o milho, a mandioca, etc., a criação de gado,e a extração de madeira das poucas matas remanescentes das derrubadas do tempo da colonização. A empresa de fumo adapta-se perfeitamente às características regionais das pequenas propriedades, que dispõem de pouca terra mecanizável e de uma abundância de mão-de-obra. É justamente o fator mão-de-o

bra que vem a ser explorado no interior. Como a agricultura de subsistência não havia sido eliminada, era possível manter um nível de remuneração significativamente inferior ao dos centros urbanos. A sobrevivência do trabalhador está garantida e as empresas obtêm altos lucros. Os padrões de remuneração são claramente percebidos quando se estabelece a diferença entre o cálculo dos ganhos por hora de trabalho na produção do fumo e em atividades de subsistência.

O fumicultor Valberti Roecker se deu ao trabalho de somar as horas trabalhadas, dividir o total de horas pelo total recebido em dinheiro (já descontado nas despesas), e chegou à constatação de que, por 1 (uma) hora trabalhada na produção do fumo, o agricultor recebe 3 (três) vezes menos que no trabalho de produção do feijão ou do milho, mesmo usando adubação química. O agricultor, mesmo assim, tem de optar pela plantação de fumo, que absorve, numa pequena área, mão-de-obra intensiva. Além de dispor de pequenas áreas (em média propriedades de 100 hectares), o município conta com uma extensão média de terra aproveitável para mecanização da ordem de 4 hectares.

A agricultura comercial, voltada para produtos de exportação, avançou muito sobre a agricultura de subsistência. Para isso, contou com a ajuda da política de incentivos oferecidos sob a forma de financiamentos bancários subsidiados para a compra de equipamentos e insumos necessários ao aumento da produção numa área reduzida. Um quadro sobre a produção de 1982, fornecido pela ACARESC, dá uma idéia da importância de culturas como o fumo, o milho e a mandioca na economia do município (12):

Agricultura - Principais Culturas:
Milho, feijão, mandioca, batata inglesa, arroz, fumo.

CULTURA	ÁREA PLANTADA/Ha	PRODUÇÃO (Ha)	PRODUÇÃO TOTAL	REPRESENTAÇÃO-Cr$
Milho	690	40 sc	27.600 sc	41.400.000
Feijão	100	15 sc	1.500 sc	11.250.000
Mandioca	370	15 T	5.500 T	38.850.000

Batata Inglesa	30	7,5 T	225 T	6.750.000
Arroz	30	15 sc	450 sc	1.350.000
Batata Inglesa (safra)	10	5,0 T	50 T	1.500.000
Feijão (safrinha)	30	10 sc	300 sc	2.250.000
Fumo	100	1.870kg	187.000kg	84.150.000

As facilidades iniciais de financiamento levaram o agricultor de subsistência a se transformar em um agricultor comercial. Houve um aumento de produção, que trouxe consigo um grande problema: a dependência de tecnologia externa. Além disso, a retirada de subsídios e a alta dos preços dos implementos agrícolas não têm como contrapartida uma garantia de preço mínimo dada ao produtor que siga o mesmo ritmo. O depoimento de um monitor de uma comunidade agrícola organizada pela ACARESC nos dá uma idéia melhor do modo como esse processo acontece e é percebido pelo agricultor:

"No início, não sei quantos anos atrás, o governo oferecia adubo com 40% de desconto, eu lembro muito bem disso. O agricultor só pagava 60% e assim eles foram pegando o agricultor. Isso é uma coisa bem organizada, há tempo eu penso que é... Eles vão pegando... Assim que o agricultor viu que o adubo seria uma boa coisa e rendia muito mais, ele foi se interessando e foi plantando e foi mecanizando a agricultura, aí daí a pouco eles começaram a cobrar o total do adubo, sem juros. Daqui a pouco já começaram a cobrar um juro barato e agora o juro já tá lá em cima acompanhando o resto das coisas... é um problema que no início tava dando, hoje não dá mais... a pequena agricultura mecanizada no preço que está o adubo, e os juros e os custos de quem tem que pagar trator, essas coisas tudo que subiu muito por causa do preço do óleo diesel, essas coisas... o próprio trator que hoje custa uma barbaridade... um ou outro colono que consegue comprar, né? Então, nessa base toda pequena agricultura não tem condição de sobreviver, não tem condição de se manter, na minha opinião não dá pra ganhar nada. O agricultor que diz que dá pra ganhar não está fazendo bem as contas... Quem não tem outra atividade que não a agricultura se vê na dependência de se empregar em outro serviço..." (13)

A falta de perspectivas, tanto para a agricultura de subsistência como para a agricultura comercial, leva os colonos da região a procurar em outras atividades uma alternativa profissional, embora conservando,na maioria dos casos, a atividade da agricultura de subsistência. Uma das atividades "alternativas" é a extração da madeira. Um fato significativo é que quatro das sete serrafitas que ainda se encontram em funcionamento no município têm como proprietários antigos colonos.

Os empregados das pequenas madeireiras e de outras empresas que vão se instalando no município (14) são, em grande parte, proprietários de pequenas extensões de terra, tal como acontece com a quase totalidade dos carpinteiros e pedreiros do município. Enquanto os homens procuram uma alternativa profissional, as mulheres e crianças trabalham na roça.

Outra atividade que desvia o colono das culturas tradicionais é a produção de carvão vegetal. O colono vende a lenha para uma empresa do Grupo Freitas, que instalou fornos na região, ou então produz carvão ele mesmo, utilizando fornos construídos em sua própria propriedade.

Por outro lado, os madeireiros que no início foram beneficiados com o aumento dos preços da madeira já sentem os problemas da falta de capital e de financiamento. A produção dos pequenos madeireiros é geralmente comprada por grandes empresas localizadas na região, que revendem a madeira por preços até três vezes superiores aos da aquisição. Além disso, como as reservas de madeira estão se esgotando, e como há dificuldades enormes de extração em conseqüência da topografia acidentada do terreno, é necessário utilizar equipamentos motorizados modernos como tratores com guincho e motor serras, equipamentos estes cujo preço tem aumentado em um ritmo muito mais rápido que o do aumento do preço da madeira. Por isso, duas serrafitas da região já paralisaram sua operação.

As dificuldades em termos de estradas e de comercialização e a alta constante dos custos de produção, aliadas à alta dos preços dos equipamentos, são compensadas, de certa maneira, pelo baixo custo da mão-de-obra - na maior parte das vezes familiar. Os poucos empregados geralmente ganham em média um salário mínimo

regional. A falta de melhores perspectivas leva uma parcela significativa dos habitantes a migrar para as cidades mais próximas. É grande o número de jovens que saem do lugar para estudar ou trabalhar. Há jovens que, quando casam, vão para São Paulo trabalhar como domésticas.

A inflação e a recessão que têm afetado o país apresentam vários efeitos nocivos na região: há desemprego na cidade (o que reduz ainda mais as perspectivas), risco de o colono produzir com prejuízo, redução do salário e do poder aquisitivo dos empregados na extração da madeira (que é uma atividade que se desenvolve essencialmente utilizando mão-de-obra temporária), etc.

4. A política - Da formação do município à participação nos atuais partidos políticos

Santa Rosa de Lima tornou-se município em 10 de maio de 1962. A emancipação, segundo Dall'Alba, não teria vindo tanto como resultado das reivindicações dos habitantes do local, mas principalmente em decorrência da iniciativa de políticos do município vizinho de Rio Fortuna - que não tinha condições financeiras para atender às necessidades de manutenção das estradas (15).

Um acordo entre o PSD e a UDN teve como resultado a apresentação de candidato único nas duas primeiras eleições realizadas no local. José Francisco Schmidt foi o primeiro prefeito eleito. Nas primeiras eleições para a Câmara Municipal, o PSD ficou com a maioria pela diferença de um voto. José Fernando Hermesmeyer seria o segundo prefeito. Para o mandato seguinte um novo acordo entre os partidos levou à apresentação de José Francisco Schmidt como candidato único para o mandato seguinte.

Com a extinção dos antigos partidos, a ARENA tornou-se o único partido organizado no município. Nas eleições municipais de 1976, houve uma disputa renhida entre os candidatos da ARENA 1 e da ARENA 2. Com a extinção da ARENA e do MDB, foram organizados diretórios de dois partidos, o PDS e o PMDB.

A prática política do município havia sido a concentração em torno desta ou daquela liderança, representando este ou aquele partido. Até a indicação dos candidatos a vereador era feita por estas lideranças. Uma prática nova viria com a organização do PMDB.

Os membros do diretório passaram a ser escolhidos pelos filiados e os candidatos a vereador, a prefeito e a vice-prefeito foram indicados em uma pré-convenção realizada em todas as comunidades. O PDS imitou o processo, ao seu próprio modo. O município passou a valorizar muito a participação político-partidária (16). Rara é a família que não tenha pelo menos um de seus membros filiado a um partido político.

As pressões políticas próprias do clientelismo, a compra do voto, a fragilidade da estrutura de um partido de oposição recém-criado no interior, e alguns outros acontecimentos, deram a vitória ao PDS. O PMDB conseguiu eleger dois membros da bancada de sete vereadores. Passadas as eleições, renovou o seu diretório municipal, ocasião em que houve um aumento sensível do número de filiados.

Atualmente, há núcleos deste partido organizados em cada uma das comunidades do município. Um critério importante, recentemente aprovado, prevê que nas próximas eleições dos membros do diretório (que acontecerá dentro de dois anos), cada núcleo partidário terá no diretório um número de componentes proporcional ao número de filiados com que conta. A nova prática de escolha de candidatos tende a apresentar melhores resultados a longo prazo, pois seu sucesso depende muito das condições do partido no sentido de garantir a realização desse processo também em outros níveis.

A nível do partido político de oposição, existem atualmente duas tendências: a daqueles que se opõem a esta ou àquela liderança local ligada às pequenas oligarquias, e a daqueles que já têm uma posição mais consciente do ponto de vista da situação específica de sua categoria profissional - que é a posição da maioria dos colonos e empregados.

A reflexão a respeito dos problemas particulares de cada uma das categorias profissionais poderá levar um maior número de pessoas a se posicionar em termos de política partidária, na busca da realização de seus interesses. Isto, a meu ver, vai provocar o surgimento, dentro do PMDB, de um confronto que poderá ser muito útil na melhor definição dos caminhos que serão seguidos. Este confronto não tem como origem as divergências entre as lide-

ranças, mas uma crescente pressão de um segmento que até agora teve uma participação nula: o dos colonos e trabalhadores rurais.

5. A educação

A educação do município combina um setor formal (institucionalizado), dedicado ao ensino convencional, e um setor informal, que se concentra no ensino de atividades práticas e tem um caráter difuso. A educação formal começou a existir no município por iniciativa dos próprios colonos, que a mantiveram por muito tempo. Só em 1951 (17), a manutenção da escola passou a ser responsabilidade do Estado. Até aquele ano, as aulas eram dadas em alemão e o ensino restringia-se aos rudimentos da leitura, da escrita e da feitura de cálculos.

Atualmente existe no município uma escola de 1º grau completo. No interior do município, a freqüência à escola só é possível até a 4a série. Há sete escolas estaduais e cinco municipais. Os professores das escolas estaduais são concursados, mas normalmente suas vagas são ocupadas por substitutos. Nas municipais, os professores são escolhidos pelo prefeito, recebem salário mínimo, e não têm qualquer direito trabalhista assegurado.

A educação informal acontece no seio da família, desde os tempos da colonização, quando as atividades da região estavam voltadas preponderantemente para a produção agrícola de subsistência. O aprendizado ocorria na convivência diária com os adultos. As técnicas de bem roçar, capinar e colher, ou de conduzir boi ou cavalo eram aprendidas por imitação.

A chegada da agricultura comercial levou à introdução de novas técnicas agrícolas. Assim, já não era mais o pai de família o detentor do conhecimento prático essencial. O conhecimento das novas formas de operação passou a ser transferido, junto com os equipamentos e insumos, pelos técnicos agrícolas e instrutores das empresas agroindustriais que atuam na região.

A chamada Extensão Rural, promovida pela ACARESC, assume um caráter que a aproxima bastante da educação institucionalizada, desempenhando uma função de que a escola do interior não tem condições de dar conta.

A educação formal revela atualmente uma contradição fun-

damental: seus currículos estão voltados para a realidade urbana em que foram elaborados. Contudo, ela não consegue preparar as pessoas que provavelmente emigrarian para a vida na cidade e, ao mesmo tempo, é incapaz de preparar aquelas que permanecerão no local para as atividades compatíveis com o estado atual da vida no campo. Por conseguinte, sua função é praticamente nula, o que se comprova também pelo fato de o seu público ser restrito e tendo em vista que seus professores não têm preparação suficiente em termos educacionais formais, nem competência técnica para o ensino profissional, voltado para a agricultura ou para outras atividades existentes no local.

Desta forma, o aprendizado de funções como laminador, serrador, pedreiro, carpinteiro, e até mesmo agricultor, é feito junto a práticos que entendem do serviço. Por esta razão, as próprias empresas agroindustriais atuam, através da chamada "assistência técnica", no sentido de promover o aprendizado necessário à modernização da atividade agrícola local.

NOTAS

(1) A transcrição de algumas entrevistas está no Anexo 1 deste capítulo, II.

(2) Praça é o nome como é conhecida pelos moradores a sede do Município, onde moram atualmente cerca de 50 famílias. A fama de menor cidade veio com a divulgação feita por jornais, revistas e até TVs. Houve manchetes do tipo "O prefeito da maior cidade do Brasil, Figueiredo Ferraz, encontra o da menor, José Fernando Hermesmeyer".

(3) Os dados são do último censo demográfico realizado no município.

(4) Ed. Brasiliense, 1982, coleção Tudo é história, nº 38.

(5) Maria Tereza Schorer Petrone, op.cit., p.31.

(6) A possibilidade da posse da pequena propriedade é usada como isca para atrair os imigrantes. Idem, pp. 45-51.

(7) O trecho em questão está transcrito no Anexo 2 do capítulo.

(8) Em O Vale do Braço do Norte, p. 80.

(9) Idem, pp. 17-18.

(10) Idem, pp. 355-363.

(11) "Venda" é um pequeno armazém com produtos não produzidos na colônia, por exemplo, sal, querosene, roupas e ferramentas.

(12) Boletim da EMATER/ACARESC - Março 83.

(13) Trecho transcrito da fita nº 5, Anexo 1 deste capítulo.

(14) Há duas empresas voltadas para a extração de fluorita: uma do Grupo Votorantim, instalada num morro entre Rio do Meio e Rio dos Índios, e uma da Bayer, localizada na comunidade de Rio Bravo Alto.

(15) Em Dall'Alba, op.cit., p.319.

(16) O PDS imitou o processo, mas não indicou o candidato escolhido pela maioria. Este ganhou o cargo de diretor da escola para dar lugar a um candidato filiado de última hora que tinha

melhores chances de ganhar as eleições.

(17) Cf. depoimento do ex-prefeito José Fernando Hermesmeyer na obra de Dall'Alba, p. 311.

ANEXO 2.

ANEXO II

EPOPÉIA IMIGRANTE

Leitor amigo! Dei-te uma história documentada até o exagero. Pois, permite que eu tire meus olhos cansados das letras pequenas dos manuscritos poeirentos. Deixa-me sonhar contigo. Sonhar, não o futuro, mas rasgar esse véu do passado e rever poeticamente esta história. Eu já vejo. Tu vês? Às margens do Reno, mil famílias alemães em alvoroço. Há séculos estagnadas na sociedade medieval, uma esperança acedeu-lhes a vida: O Novo Mundo. Ir para a América! Nem dinheiro não precisa ter. O Governo do Brasil paga até a viagem. E a gente vai ter terra própria, casa própria, vai ser dono, vai ser... Mas claro! Vai ser rico. Vai ser muito rico. Vai para a América e terá comida em abundância. E livre! Livre de senhores feudais. Livres, não só. Livres e senhores. Como o margado das terras que cultivamos. Ricos e livres! Quem não vai? Pátria? Sim, mas se aqui se morre de fome? Se aqui nossa honra é espezinhada? Pátria? Sim, será triste. Aqui nascemos. Aqui viveram nossos pais e avós. A igreja que eles construiram, o castelo que defenderam, a obra de arte que deixaram, a língua, a tradição, a história... Mas, e guerras, e fomes, e epidemias, e senhores exigindo dois terços do pouco que a terra produz, e miséria, e desespero, nossas crianças passando fome, nossos jovens sem esperança... Pátria! Se fosses mãe para nós, mas és madrasta. Adeus. Lá longe, um país distante nos acolherá. Só matas, só rios, só... Solidão. Nem igrejas, nem castelos, nem cidades, nem estradas, nem casas, nem vinhas. Só matas, só matas, só matas! Mas a liberdade, mas a abundância, mas a esperança. E um paiol cheio de milho, e caixões cheios de trigo, salame no porão, queijo nas prateleiras, e galinhas, e porcos e gado nos potreiros. E uma casa própria, e um terre-

no próprio, e dinheiro guardado a juro. E a tranquilidade, e a paz, e a felicidade. A família reunida, a casa grande ao centro, as casas dos filhos ao redor! Sim. Lá. Aqui? Nem casa, nem trabalho, nem terra.

A América! Mas... E o mar? Quarenta dias vagando no mar infinito? E as tempestades? E o enjoo de morrer? E as mortes, os corpos jogados aos peixes vorazes? E a língua estrangeira? E o novo clima? E a floresta? E... E o quê? Livres. Ricos. Senhores. Um futuro para os filhos. Que importa a saudade da pátria? Que importa o oceano em fúria? E a solidão da floresta, que importa? Livres. Ricos. Senhores. Um futuro para os filhos.

A despedida foi triste. Deixar tudo... Para sempre...

A viagem foi dura. O navio pequeno, o mar revolto, a água escasseando, a comida sem gosto, o enjoo em todos, a morte rondando, a morte levando os pequenos doentes! E o baque dos corpos, metidos em sacos, na esteira de espuma, no fundo do mar!

Finalmente a bonança, finalmente a chegada, finalmente o Brasil. O Brasil de esperança, o Brasil de mil sonhos, paraíso terrestre de esperanças de ouro. Brasil! Brasil! De joelho na praia, a prece se eleva até o trono de Deus. Que belo o Brasil na Ilha das Flores!

Mas a quarentena enjoa. E a febre amarela no Rio de Janeiro? E partem. O Brasil, que é grande, acolhe o imigrante, dá terras a todos. Que grande o Brasil! Há quanto navegamos na costa brasileira? Que estranho falar o dos brasileiros! Que estranhos costumes! Que estranhas comidas! Então não é queijo ralado o que há na bacia? Farinha? Farinha sem gosto de nada. E a carne assim seca? Que é couro, não carne, onde é que se viu?

Que nome mais feio: Desterro. Que importa o nome? A ilha é bela, só de sol, só de mar. Ficamos aqui?

— Teresópolis é no sul. No mapa? Não existe no mapa! São vocês os fundadores. Não há nada por lá. Nem estradas, nem casas, nem roças. A mata virgem, e o bugre campeando tatete, e o tigre negaceando bugios. A onça pintada, a flecha do índio, a picada de cobra.

Sozinhos na mata. Quem há de ajudá-los? Derrubar uma árvore, mas como? Seus troncos são grossos, e liames nas copas impedem-lhe a queda. E a casa? De troncos? Sem tijolos? Mas como? Coberta de palha? Onde é que se viu?

Mas surge a clareira, se levanta a choupana, cultiva-se a roça. Que importa se comem só charque? Que importa se vivem isolados? O chão que cultivam é seu. A choupana que

habitam é sua. Que importa o duro trabalho? São livres São gente.

— "Margarida, é um ano, dois anos somente. Eu sei que isto é duro. Eu sei. Quisera eu ver-te, numa casa bem grande, com janelas e portas, com telhas no teto, com assoalho no chão. Margarida, eu quisera. Margarida, só um ano! Um ano já passa. As espigas de milho, a batata, o feijão, e dinheiro que entra. E a casa com flores, as crianças na escola, a terra já paga. Margarida, não vês? Não vês já mais perto os sonhos que juntos sonhamos? Isto é a América. Não, não chores. Isto é o Brasil"!!

Mas Margarida, com as crianças pequenas, no rancho de palha, chora a saudade da pátria distante. — E agora Bernardo? E agora, o que faremos?"

Mas, por que é que esta roça não cresce? Se era mata? Esse milho... Esse milho amarela, esse milho fenesce. E o feijão não dá nada. A cana não medra, a mandioca é miuda. No primeiro ano. No segundo ano. No terceiro ano... A terra não presta. O rancho de palha apodrece. Casa? Nem comida não tem!

O milho raquítico, um porquinho bem magro, crianças com fome, a Margarida doente. Que pobres chegaram, agora mais pobres ainda são... E o futuro? A miséria. Por falta de vestes nem à Missa já vão. "Assim rotos, quem iria? Mas, e Deus? Se até Deus perdemos, então o que temos? Já não temos passado, que longe ficou. O presente é miséria. Futuro não há. Que o Senhor nos ajude. Só nele a esperança. Nem sonhos já temos. Deixar uma pátria, por um sonho tão belo, e encontrar a miséria? Que Deus nos acuda, se não morreremos".

Ao redor da capela bem tosca, paredes de troncos, teto de palha, cinquenta famílias. Que pobres que são! O padre chegando, vê rostos tão tristes, vê trapos, não vestes, nos corpos doentes. Vê, vê... Mas será mesmo? Vê o desespero mais negro nas almas sem forças, outrora tão fortes, de rudes pioneiros.

"Padre Roer, salva-nos"! O padre Roer não fala. E olhando para a gente que olha para ele, tão triste, o padre..., o padre não fala. Também se comove. E ao choro de raiva dos rudes pioneiros se misturam as lágrimas de compaixão do padre. É choro, não prece, que da capela tão pobre se eleva até Deus.

O padre não diz nada. De repente seu rosto se ilumina. "Papel!" Papel ninguém tem. Nem tinta, nem pena.

— "Margarida, vá buscar uma pena de galo! Bernardo, vá espremer amaranto maduro!"

E pronta a tinta, e afiada a pena com o grande facão, o padre Guilherme arranca a entrecapa em branco do livro de Missa, e começa:

"Majestade! D. Pedro! Nós, abaixo-assinados, imigrantes que viemos com mil esperanças às terras do vosso Império, desesperamos da vida. As terras que nos deram são pobres. Nem erva não cresce. Não só não fizemos fortuna, caimos em grande miséria. Não é desmazelo. São terras bem fracas as do nosso quinhão. Tentamos já tudo. Só desespero nos resta. Mas não longe daqui há terras devolutas, do Estado, que são muito férteis, no vale de matas do Braco do Norte. São desabitadas porque reservadas para o patrimônio dotal da Princesa Isabel. Vossa majestade se digne permitir que ocupemos aquelas terras e o exigido por lei pagaremos. Magnânimo rei compadecei-vos destes colonos desesperados".

O padre lê em voz alta. As lágrimas se enxugam. Uma esperanca brilha na capela de troncos coberta de palha.

Todos assinam. Bem, nem todos, que muitos não sabem. O padre por eles, "a rogo de", assina. Cinquenta e dois assinam com a pena de galo.

O padre Roer então parte direto à Corte.

Os colonos tão rotos, deixam o templo com a esperança na alma. De noite, à luz já fraca da lareira, deitados nos catres de palha de milho, os colonos projetam, nos tetos enegrecidos, os sonhos das terras do Braco do Norte.

— "As terras do Braço do Norte! Margarida, não parece que revivem os sonhos antigos que sonhamos na Europa?

D. Pedro II, sentado no trono da sala do Império, recebe o padre de vestes surradas e a carta de que é portador.

— Mas isto é sangue? Escreveram esta carta com sangue? Com sangue de gente?

— Não, majestade, é amaranto.

— Que importa? Isto é dor. É um gemido provindo do fundo das matas. Então é asim que o Brasil trata o seu imigrante que aporta aqui com baús de utopias? Se há paraíso, de terras tão férteis, naquela região, lhes sejam então dadas".

O Ministro lavra um aviso para a nossa Província: "Senhor Presidente: Aos sofridos colonos do Salto, que a nós se dirigiram em abaixo-assinado, se lhes conceda o que pedem, ao preço mínimo permitido pela lei. Que Deus guarde Vossa Senhoria".

Na capela de troncos, num domingo de maio, o padre Roer chega com seu sacristão. Vem a cavalo. Cinquenta

colonos, mais rotos que nunca aguardavam ansiosos a sua chegada. Diziam entre si: Será que ele vem? Será que a resposta, que tanto já tarda, já veio para ele? Será que já veio? Quase nada colhemos também este ano. Então morreremos de pestes e fomes nas terras que tanto sonhamos?

Na capela de teto de palha: Irmãos meus, colonos! Aqui junto pedimos, aqui juntos choramos, lamentando a sorte tão triste que a vós vos tocou. Pois hoje é festa para os filhos de Deus. Aqui trago a ordem que D. Pedro enviou.

Foi festa na capela. A alegria foi tanta que os pobres colonos atiraram aos pulos, os chapéus pelos ares. E em meio à floresta um cântico alegre ecoou novamente.

— Então serão nossas as terras tão férteis do Braço do Norte?

E os homens adultos, e os jovens já fortes, afiaram machados, prepararam bornais, munições e espingardas. Adeus!

— Adeus Margarida, eu e o Adolfo que já é grandinho, iremos com os outros, derrubaremos os matos, construiremos uma casa e voltaremos em meses para buscar-vos. Deus é conosco. Não temas, querida! Seremos felizes. Senhores de terras tão férteis, que iguais áquelas no mundo não há.

Amigo, não ouves? Eu ouço. Cinquenta machados, em ambas as margens do vale tão rico, do Braço do Norte do rio Tubarão. Que lascas que tiram! E as árvores tombam, ecoando pelo vale aos gritos de festa. O bugre espantado, ouvindo tantos rumores, não sabe o que é. "Que força que tem estes homens tão brancos. São filhos da lua. Sua tribo onde é. E suas mulheres, onde é que estão"? Só olham, espiando, em meio à folhagem.

A clareira se alarga. A vida é dura. E chuva, e vento, e frio, e medo dos bugres, de cobras e onças, que muitas aí há. O telheiro de folhas de palma, nem é abrigo, que chove, que venta, que gela de todos os lados. Mas os pés se afundam em palmos de humo. O resto, que importa? "Aqui nesta fonte será nossa casa". À noite, sentados à beira do fogo, elevam uma prece ao Deus da Criação. E os membros cansados, só pedem o sono. E é tanto o cansaço que nem sonhos não vem.

De manhã. O sol nem nasceu, e o vale sombrio entra no ritmo do bater do machado. Que afã nessa faina! Comida? Só charque e farinha, e aves no espeto, peixes grelhados. Às pressas se come, às pressas se dorme. Às pressas, que o tempo das roças não passe. Queima-se a derrubada. Que grão fogaréu! Dá pena o humo que arde. Mas, senão?... Lá fica no negro da roça, mil esqueletos de gigantes tombados.

O milho é plantado. O feijão é plantado, e morangas, e aipim, e cana, e repolhos. Agora? Agora é com Deus.

Nova faina. A casa. Uma casa provisória ainda, mas casa. Há três meses, cinquenta colonos não vêem uma casa. Só ranchos, nem ranchos, mas simples telheiros. Aos quatro, aos cinco, se ajudam. Passam semanas e cinquenta casas se espelham na água do rio. Ah! A família! Agora sim pode vir.

Como foi? Eu não sei. Não. Eu vejo. Eu sei. Foi assim: O padre na frente, no burro andadeiro. Mulheres a cavalo, levando em jacás que pendem das selas, as crianças pequenas. Os outros, a pé. Cargueiros com trouxas, cachorros correndo. Os homens, um fardo nas costas, puxam nas cordas um gado bem magro.

O Êxodo. O padre, Moisés, atravessando a floresta. Um quilômetro de fila índia, nas picadas da mata. Três noites dormidas ao sereno. E cantos, e cantos, e cantos! Sonhos. Uma aurora de esperança. Até os velhos são jovens, e vem carregando fardos bem grandes de suas tradições. Que belo! Um povo em marcha ao país do futuro! Amigo, não vês? Eu vejo.

E o padre, dois filhos de colonos agarrados na sela, dirige este povo que a miséria humilhara, em quem a esperança infunde novo alento.

— O Vale! Que belo este Vale! Que floresta gigante! Que rio caudaloso! Pequenas clareiras á beira do rio. Onde é nossa casa? Papai, onde é?

— É lá! É lá! É lá longe! É lá embaixo!

— Margarida, não vês o ranchinho que fiz?

— Que belo esse Vale! Que belo! Que belo esse Vale! Que fértil, que rico! É nosso!

— Filhos, Deus vos abençoou. Ouviu vossas lágrimas. Agora cada um ocupe suas terras. Amanhã quero ver-vos reunidos ao pé da Figueira, na curva do rio.

E o povo se espalha pelas picadas da floresta.

O ranchinho é ainda pobre. Mas que fértil que é a terra. Roçados tão belos jamais ninguém viu. E milho, e batata, arroz e feijão. Que viço! Que abóboras tão grandes! Roças tão belas quem é que já viu?

No dia seguinte, domingo de outubro, com roupas ainda velhas, mas rostos lavados, tamancos nos pés, o povo vem todo ao lugar combinado. O padre lá está. Cinquenta colonos com suas famílias. Cinco sesmeiros com quinze caboclos, de botas e esporas e grandes facões, pistola na cinta, rebenque na mão, também vieram das longes suas terras, rezar com o padre, e ver esse povo que o Vale ocupou. Igreja não

há. Mas templo mais belo ninguém construiu. Uma grande figueira, de enorme galhada, à beira do rio, é o templo dos pobres, mas templo de Deus. A Missa é lá. Eu vejo. Não vês? Que quadro mais belo, para os nossos pintores! Os nossos pioneiros, aos pés da figueira, retemperam sua fé.

— Que diz no sermão, o padre Guilherme? Eu nem não entendo. É lingua de estranja, é fala alemã.

De longe eu olho. Que bela figueira, altar do meu Deus, um povo em prece ,um povo de heróis. E os velhos sesmeiros unidos a eles. É ali que começa fundir-se a nação. Pioneiros são todos, igual o trabalho, igual a sua fé. Já são brasileiros!

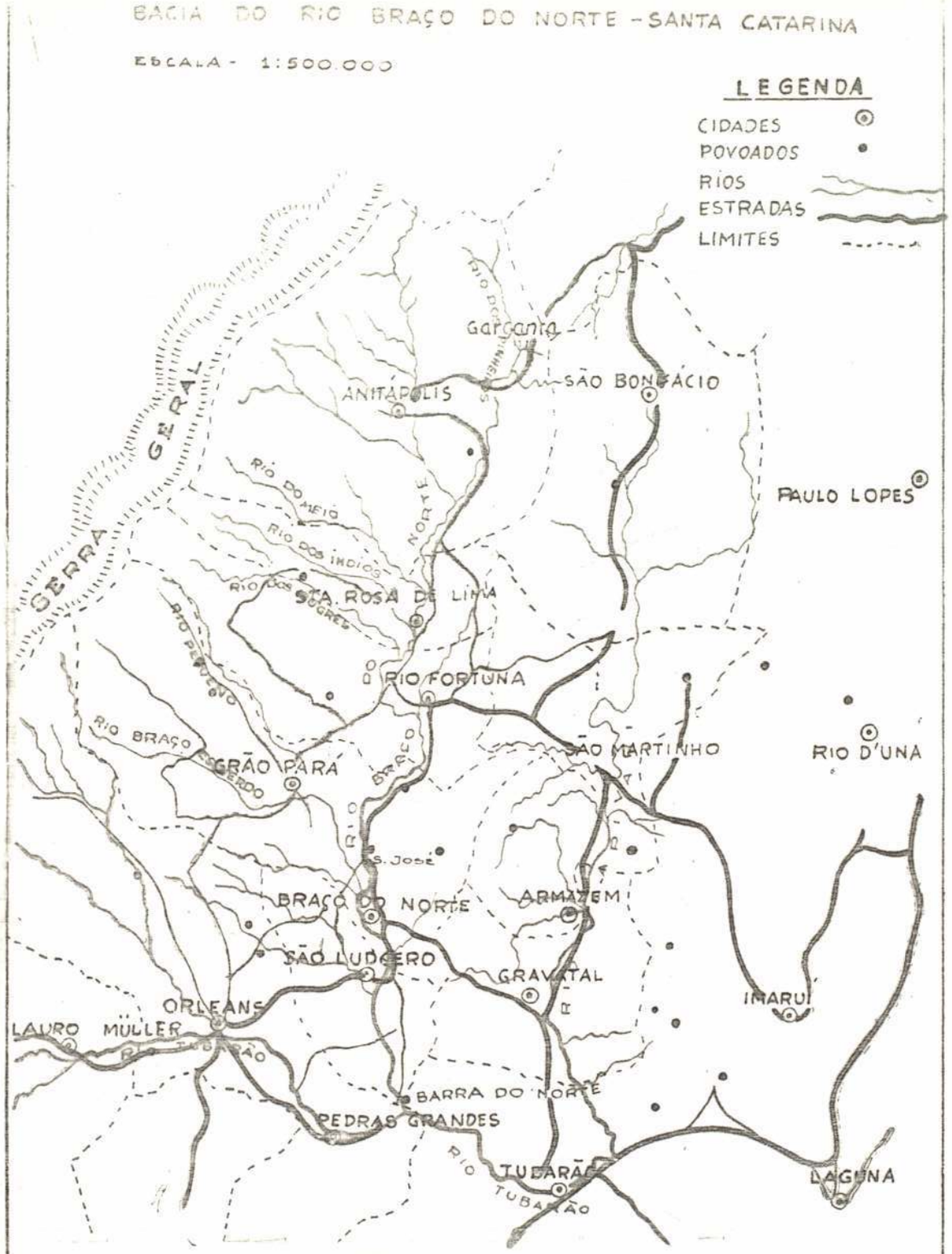
Agora ainda vejo, muitos meses depois, em bandos, a cavalo, os colonos, aos domingos, suas terras percorrem. Que belas essas terras! Abundância de frutos. Que belas as roças, que belas! O canto espontâneo se ouve nos campos. É o jovem que canta, e as moças, o velho, a família, são todos que cantam. É o canto de um vale, que feliz agradece ao Deus de sua crença, a D. Pedro II, ao Padre Guilherme.

E o rude pioneiro, olhando suas roças, sua casa, seu gado, não cessa sua prece, e o canto lhe ecoa no peito de ferro. E canta, e canta, e canta!

— Margarida. não era este o sonho que na Europa sonhamos?

Orleans, 11 de fevereiro de 1973

o vale do braço do norte



CAPÍTULO II

A EXPERIÊNCIA DE PESQUISA-AÇÃO EM SANTA ROSA DE LIMA

Até agora tentei explicitar os fatores de minha vida que me levaram, sob diversas formas, a buscar a alternativa de atuação pessoal e profissional de que o presente trabalho faz parte, e apresentei alguns elementos que permitem caracterizar sumariamente a situação da comunidade envolvida com a pesquisa. As observações e relatos até agora apresentados tiveram como objetivo - que espero tenha sido atingido - expor de forma clara as condições pessoais e estruturais que delimitaram meu trabalho de pesquisa-ação até o presente momento. Como eu já disse, a exposição feita aqui constitui um momento de reflexão a respeito das possibilidades de desenvolvimento da pesquisa-ação; busca explicitar os passos percorridos até o momento e criar bases para o desenvolvimento futuro da minha atuação junto à população envolvida com a pesquisa.

Antes de passar à exposição da experiência de pesquisa-ação propriamente dita, farei algumas considerações de ordem teorico-metodológica. Estas considerações não têm, naturalmente, o caráter de afirmações categóricas, notadamente se considerarmos ser esta minha primeira experiência de pesquisa-ação e tendo em vista a necessidade que senti de refletir mais aprofundadamente a respeito do significado deste tipo de prática de pesquisa. O restrito tempo de que disponho para atender ao requisito acadêmico de apresentação de uma dissertação não me permitirá desenvolver, aqui, uma reflexão mais ampla. De qualquer forma, julgo necessário apresentar alguns elementos teóricos que me foram úteis.

Um amadurecimento maior da reflexão a respeito da prática concreta certamente diminuirá em muito o "sincretismo de idéias" determinado pela minha formação escolar e vivência profissional. Acredito que este sincretismo constitui um "fantasma" que deve ser afastado, na medida do possível, quando se empreende uma reflexão a respeito de determinada prática, principalmente quando aquele que se propõe a refletir está envolvido e interessado nesta prática.

O texto será apresentado em conformidade com a própria seqüência cronológica em que a experiência se desenrolou. Assim,

narrarei os vários passos seqüenciais ou momentos da pesquisa-ação como um todo, intercalando, quando necessário, informações e observações adicionais que ajudem a compreender minha linha de reflexão e de atuação e o modo como a experiência aconteceu aos meus olhos.

1. Considerações teorico-metodológicas

O conhecimento, que é o processo pelo qual o indivíduo apreende a realidade, não é algo pronto e acabado. O que o caracteriza é justamente todo um processo de interferência do sujeito (ser humano) sobre o objeto (mundo).

Nesta relação dinâmica de interferência mútua há também a transformação mútua. O sujeito se transforma na transformação do objeto e é a evolução histórica desta relação do homem com o mundo que permite que o homem tenha consciência. Assim, o sujeito percebe que conhece cada vez melhor a realidade da qual faz parte à medida que se relaciona mais profundamente com o mundo.

É na sua relação com o mundo que o homem se descobre parte de uma classe social - dominante ou dominada. Percebe também que a classe social dominante detém o poder econômico e explora economicamente a classe dominada, mantendo-se como dominante através do monopólio do poder político que obtém pela força e/ou pelo convencimento. À classe dominante interessa, naturalmente, manter esta hegemonia. Para garantir a consecução de seus objetivos hegemônicos, a classe dominante precisa explicitar a realidade da exploração como incluída na ordem natural das coisas. Trata-se de uma explicação do mundo que escamoteia a natureza real da relação de exploração.

Do ponto de vista da classe dominada, a percepção da relação de exploração está ligada à possibilidade de ela buscar sua libertação como classe. Para atingir esse objetivo, a classe dominada precisa compreender o modo como a estrutura de dominação vem se articulando historicamente e o modo como se apresenta no momento presente. Ao lado dessa compreensão, os dominados precisam iniciar sua articulação como classe social no sentido de buscar, na união da maioria explorada, a força e o poder político capazes de permitir a eliminação da exploração.

Este processo de percepção da estrutura de dominação e da articulação dos dominados enquanto classe só se dá através da reflexão sobre a realidade de cada um. Só a percepção da sua realidade de explorado é que dá forças ao dominado para se posicionar contra quem o oprime. A possibilidade de ocorrência desta reflexão está determinada pela força relativa de cada classe em cada momento do processo histórico. Ela vai se tornando cada vez maior à medida que os indivíduos que tomaram consciência da relação de exploração de que são parte transformam o momento da compreensão ainda difusa numa opção de busca do entendimento do mundo, busca na qual compreender e transformar vão se tornando partes de um mesmo processo de libertação.

Mesmo aqueles que fazem parte de categorias profissionais- como professor universitário e pesquisador- cooptadas, tendo em vista a posição social que ocupam e os salários que recebem, para difundir a ideologia do sistema hegemônico de dominação, podem optar pelo envolvimento com um trabalho de transformação da realidade de opressão e explorar as possibilidades da sua realização como homens. Quer dizer, mesmo não sendo dominados, eles têm possibilidades de participar conscientemente da transformação do mundo e de se transformar no mesmo movimento.

Percebe-se que um tal profissional tem uma grande contribuição a dar. Como privilegiado na divisão social do trabalho, ele pode dedicar-se exclusivamente ao trabalho intelectual e tem condições de optar por atuar junto à classe explorada e fazer uma crítica mais global da ideologia dominante, organizando melhor, ao lado dos dominados, o seu próprio saber. Em nenhum momento, ele deve esquecer que sua preparação não lhe assegura privilégios na organização política dos trabalhadores.

A partir desses pressupostos, parece-me válido relatar o modo como se desenvolveu uma tentativa de trabalho de pesquisa-ação de um professor universitário cursando a pós-graduação na PUC de São Paulo, junto a categorias profissionais como agricultores, fumicultores, empregados, e pequenos empresários, no município de Santa Rosa de Lima. Acredito que esta tentativa de sistematização da reflexão a respeito do trabalho desenvolvido poderá permitir u

ma melhor compreensão do papel do intelectual na busca da sua realização como profissional e como pessoa.

O pouco tempo que tive para dedicar-me à experiência e um certo isolamento intelectual de que padeci, apesar de ter recebido contribuições valiosas do professor-orientador e de outros professores e colegas de curso, são limitações que não me permitem fazer muitas afirmações. Acredito, contudo, que algumas questões levantadas neste trabalho poderão servir de subsídio para futuros diálogos.

2. O processo de inserção na realidade da população

Eu acho que convém, de certo modo, repetir a idéia, contida no relato de minha história de vida, de que, no momento de optar por um trabalho de pesquisa acadêmica em Santa Rosa de Lima, eu não tinha como objetivo definido a realização de um trabalho de pesquisa-ação. Tentava apenas seguir o processo convencional de pesquisa acadêmica, buscando informações que achava importantes para a elaboração da minha dissertação de mestrado, que trataria do papel da educação num pequeno município do interior como Santa Rosa de Lima.

Houve todo um processo de reflexão, realizado através de leituras, diálogos com colegas e professores, diálogos com o orientador, e, principalmente, através do questionamento pessoal a respeito da minha prática de pesquisador. Neste processo, fui levado a refazer continuamente a proposta de pesquisa, até chegar à conclusão de que havia condições de fazer um trabalho de pesquisa-ação e de que um trabalho deste tipo pode ter uma grande validade.

Este processo pode justificar um pouco o fato de o tema da dissertação referir-se muito mais a uma análise do processo no qual o próprio pesquisador aprende a fazer pesquisa do que aos resultados obtidos com a população no sentido de ela se apoderar de instrumentos que lhe possibilitassem a articulação de sua luta pela libertação da situação de exploração e de alienação de que o homem do interior é vítima.

Um trabalho de pesquisa-ação requer, pelo que pude observar, que o pesquisador passe por esse processo. Esta é a razão por

que acho válido o seu relato e a apresentação de algumas considerações pertinentes a seu respeito. Um pesquisador que tenha alguma experiência de trabalho e que tenha os objetivos do seu trabalho formulados de modo relativamente claro no momento em que se dispõe a fazer um trabalho de pesquisa-ação deverá realizar, em primeiro lugar, um estudo preliminar da realidade em que pretende trabalhar. A partir disso é que lhe será possível apresentar à comunidade uma proposta de trabalho. Portanto, uma pesquisa deste tipo se inicia pela percepção da realidade - que ainda é difusa - e pela apresentação de uma proposta que solicite a colaboração da população.

Para mim, a aproximação e a inserção do pesquisador na vida da comunidade, bem como a explicitação de uma proposta preliminar de trabalho, significaram um complexo e lento processo de convivência com a comunidade, desde os tempos em que cursei o seminário, época em que eu passava as férias escolares na casa dos meus pais, trabalhando na roça e participando de atividades comunitárias do local, como missas e cultos dominicais, festas religiosas, casamentos, bailes, jogos de futebol, etc. Este acompanhamento da vida da comunidade permitiu que eu me sentisse muito próximo da população em termos afetivos, o que facilitou minha atuação ulterior como pesquisador.

A permanência de quatro anos no Acre interrompeu, até certo ponto, a convivência iniciada na infância. Por esta razão, quando eu já estava fazendo o curso de pós-graduação e visitava o lugar, eu me sentia como um estranho. Era agora um professor universitário que ganhava muito bem em comparação com o nível médio dos salários do interior. Além disso, para a população, as atividades tradicionais de pesquisa acadêmica eram muito estranhas. Lembro que uma pergunta que os moradores comumente me faziam era: "O que é que alguém que ganha tanto dinheiro lá fora vem fazer num lugar como Santa Rosa?".

Embora naquela época os objetivos do trabalho não estivessem claros para mim, e muito menos para a população, a convivência anterior me havia permitido ter um certo conhecimento da realidade local, mesmo fragmentado e incompleto. O envolvimento afetivo com a população, que hoje compreendo ser necessário para um trabalho

de pesquisa-ação, traz para o pesquisador um problema de difícil resolução: conciliar seu envolvimento subjetivo com a tentativa de realizar uma análise objetiva da realidade da população, uma tentativa de situar esta realidade num contexto mais amplo.

Refletindo sobre esse aspecto, percebo que é de fundamental importância a existência de uma equipe (de preferência, interdisciplinar) para a realização mais efetiva de um trabalho de pesquisa-ação. Os problemas de ordem pessoal e teóricos e práticos são tantos que atrasam em muito qualquer processo de pesquisa que envolva uma população que não está acostumada a esta prática e que, no início, trata o pesquisador com certa suspeita. Uma equipe de pesquisadores teria melhores condições de fazer avançar o processo, minimizando o problema que envolve aqueles membros da equipe originários da região, e contando ao mesmo tempo com as vantagens que sua pertinência ao local oferece.

3. Elaboração da síntese precária - Projeto de dissertação e audiovisual

A necessidade de elaborar um projeto de dissertação levou me a coletar o máximo de dados possíveis sobre a realidade local, para que eu pudesse elaborar uma síntese precária com base na qual seriam discutidos os problemas da educação no município. Este levantamento de dados, realizado com finalidades ainda não bem definidas, me permitiu conhecer melhor aspectos históricos, econômicos, políticos, sociais e educacionais essenciais da realidade local.

O volumoso livro do pe. Leonir Dall'Alba, O Vale do Braço do Norte, trazia importantes informações sobre o processo de colonização do município realizado por imigrantes alemães, italianos e açorianos. Aspectos da realidade atual tiveram que ser obtidos no contato direto com a população. Assim, tive conversas com gerentes de banco, técnicos agrícolas, instrutores de fumo, diretores de escola, etc., que me trouxeram algumas informações importantes. A partir das informações coletadas até aquele momento, consegui elaborar um projeto de dissertação (1).

Fazia parte deste projeto a elaboração de um questionário, cuja base era a síntese precária, que me permitisse obter

maiores informações a respeito da realidade socio-econômica de cada categoria profissional do local (2). Os questionários foram elaborados e aplicados nas comunidades de Santo Antônio, Nova Fátima, e Morro dos Roecker. Esta metodologia mostrou-se, no entanto, por demais limitada para os fins de uma compreensão melhor da realidade. O caráter fechado das questões não permitiu o estabelecimento de um diálogo entre a população e o pesquisador. Uma conversa com Paulo Freire (a partir daí, meu orientador) me permitiu ver melhor a questão da metodologia, que viria a ser bastante modificada.

Nesta mesma época, surgia outra questão: o meu envolvimento na organização de um partido político de oposição no município, que culminou com minha indicação para candidato a prefeito. Isto me trouxe o problema de descobrir como conciliar a atividade acadêmica e a atividade politico-partidária. Mesmo sendo levado pelas circunstâncias a privilegiar a questão politico-partidária, consegui elaborar uma nova proposta que tentava conciliar esta atividade com as exigências da pesquisa acadêmica.

A síntese precária, elaborada inicialmente para o projeto de tese, seria aprimorada e se transformaria em um material audio visual utilizado como texto de apoio para a discussão de uma proposta de Estratégia de Desenvolvimento do Município. Para a elaboração do texto a ser gravado em fita cassete contei com a contribuição muito valiosa de colegas da pós-graduação. Para ilustrar o texto, usei de slides obtidos durante a visita às famílias, feita por ocasião da aplicação do questionário.

A urgência do tempo, a distância que separa São Paulo de Santa Rosa de Lima (cerca de 1.000 Km, ou 29 horas de viagem) não permitiam um trabalho melhor realizado. Contudo, o trabalho prosseguiu, pois o importante naquele momento era dispor de um instrumental que servisse de "começo de conversa" com a população (3).

4. As reuniões na comunidade - Plataforma eleitoral e campanha política

Fiz uma primeira reunião. Na comunidade dos Roecker, compareceram seis das sete famílias, e houve uma participação inten-

sa nas discussões (*). Foram feitas novas reuniões nas diferentes comunidades, numa verdadeira maratona para alcançar todas as famílias distribuídas pelos vales e "morros" do município. Em muitas comunidades não havia rede de energia elétrica e tínhamos que improvisar as apresentações do audiovisual utilizando dínamos existentes nas serrarias.

O local de apresentação do material se adequava ao número de pessoas presentes: casas, vendas, galpões de serrafita, ou mesmo ao ar livre. O comparecimento às reuniões era muito grande. Na comunidade de Rio dos Índios, houve reuniões com mais de 150 pessoas; e na de Rio Santo Antônio, o número de presentes chegou perto de 200 pessoas.

O clima de campanha eleitoral certamente influenciou em muito a realização do trabalho, principalmente no momento do lançamento das candidaturas a vereador, quando era necessário tentar explicitar a relação existente entre os problemas particulares de cada categoria profissional do município e a conjuntura econômica nacional. Os candidatos do PDS se sentiam,evidentemente, prejudicados nos seus interesses mais imediatos com relação à eleição de vereadores.

Num lugar pequeno, onde a disputa eleitoral é feita de casa em casa, torna-se mais difícil ouvir alguma opinião sincera em reuniões abertas ao público. Percebia-se claramente que estava presente na atitude da população a idéia de que o colono e o empregado estavam sendo prejudicados pela política econômica do governo. O problema maior que impedia a livre manifestação de opiniões era, muitas vezes, o fato de parentes, vizinhos ou amigos dos presentes serem candidatos a vereador, prefeito ou vice-prefeito. Aí encontramos um dos motivos que levaram o PDS a vencer as eleições majoritárias no Estado: a municipalização das eleições (**).

Outro fator que influenciou negativamente a participação nas reuniões foi a própria maneira de ser do colono: muito desconfiado e de poucas palavras nas reuniões com grande número de pessoas, o colono é "franco" e expansivo para dizer o que pensa quando na própria casa com a família. Existem ainda as tensões muito

normais que eventualmente surgem no relacionamento entre vizinhos ou entre pessoas de uma mesma comunidade pequena. Rixas muito antigas são difíceis de esquecer, principalmente quando envolvem famílias inteiras(4).

O fato de eu ser um membro de uma família que formava uma espécie de pequena oligarquia familiar, ligada ao ex-PSD, levava muitas famílias a se aproximarem do "outro lado", sem discutir posições políticas. Não quero concluir com isso que a opção pela política partidária não tenha tido validade. Pelo contrário, a participação no partido veio demonstrar ser um importante meio de organização daqueles que sentem explorados. O que se percebe melhor hoje, dada a possibilidade de distanciamento, é que é necessário um bom espaço de tempo para que se possa vencer determinadas barreiras que impossibilitam a instalação de um clima favorável ao diálogo entre o pesquisador e a população.

É necessário também destacar a falta de preparo do próprio pesquisador na direção do processo. Sendo esta minha primeira experiência e estando eu atuando de forma muito isolada, sem condições de,a cada momento do processo,realizar uma discussão para avaliação dos passos até então percorridos, faltavam-me condições de uma atuação mais efetiva. Apesar das deficiências e das dificuldades enfrentadas, chego à conclusão de que o processo teve grande validade, tanto para o pesquisador, como para a população.

A campanha política, conduzida no sentido de explicitar junto às pessoas, e para cada uma delas, seus interesses e necessidades com relação à atuação do partido político, foi atropelada pelas pressões da campanha difamatória empreendida pelos adversários políticos, que ainda tem repercussões que vão se diluindo à medida que a verdade vai se confirmando.

Uma plataforma eleitoral elaborada com base nas necessidades sentidas pela população é sempre lembrada quando, passadas as eleições e eleitos os representantes do partido adversário,muito pouco é feito para resolver os problemas que afligem o local. O fato de se perder as eleições por motivos bastante explícitos, que fogem à normalidade que deveria nortear a prática política, produz uma revolta que dá forças e disposição para uma participa-

ção política mais intensa no futuro. Isto pode ser observado no fato de ter havido muita facilidade para a organização do diretório do partido depois das eleições e no considerável aumento do número de filiados.

É muito importante observar que, mesmo mantendo-se o clima de "guerra" característico das eleições anteriores, as eleições de que falamos não revelaram apenas um confronto de interesses de famílias disputando os privilégios do poder local, mas um confronto em torno de propostas políticas ligadas à mudança ou à manutenção da situação atual. Contudo, não basta fazer um esforço de explicitação da realidade e de elaboração de propostas para a sua transformação. É necessária a articulação em uma força política capaz de promover esta transformação.

O município de Santa Rosa de Lima apresenta, segundo me parece, excelentes condições para a explicitação da realidade de opressão e para a articulação de forças políticas capazes de superá-la. Ali, o governo está mais próximo da população, que lhe cobra o desempenho efetivo de sua funçãode realização do bem comum, por delegação de voto e com recursos oriundos dos contribuintes.

Em Santa Rosa, cada um pode se fazer perguntas como: "Como são administrados e distribuídos os recursos?"; "O que é dito ao contribuinte a respeito do que se faz com o seu dinheiro?"; "Por que o contribuinte não é consultado a respeito da distribuição e da administração dos recursos?". São questões que podem servir de base ao estudo da realidade em que vivemos. É mais fácil começar este estudo pelo ambiente que está mais próximo de nós, o município. Assim, fica mais fácil, para o homem do interior, a compreensão da sua relação com a sociedade global e ele poderá participar, de forma cada vez mais ativa e consciente, da defesa de seus interesses e direitos, que certamente irão ao encontro dos interesses e direitos dos trabalhadores urbanos, igualmente explorados pelo capital.

5. A continuidade do trabalho - Elaboração de uma nova proposta

Em algumas reuniões realizadas após as eleições, os parti

cipantes foram unânimes em defender a importância de se continuar fazendo reuniões de reflexão e de se desenvolver um esforço no sentido de traçar planos de ação para o futuro. Chegou-se ao consenso de que o tema dos estudos a serem desenvolvidos deverá ser os problemas de cada comunidade, problemas estes que, em parte, já haviam sido levantados nas reuniões realizadas anteriormente às eleições.

As reuniões tinham agora um clima diferente. A luta eleitoral uniu mais as pessoas. Observa-se que cada membro da população se mostra mais disposto a falar, a comunicar o que pensa e o que sente. Há muita revolta contra aqueles que votaram a favor do governo, mesmo sendo prejudicados como colonos ou empregados. Mas a melhoria das possibilidades de um diálogo mais franco tem permitido o surgimento de formas bem criativas de reflexão e de elaboração de propostas concretas.

Cada comunidade começa a desenvolver sua forma específica de articulação. A comunidade da Costa Serra organiza uma associação de moradores, a de Nova Esperança convidou o prefeito para discutir junto à população os problemas que ela enfrenta, a de Rio Bravo Alto pensa em fazer o mesmo. Começa a haver uma percepção do fato de alguns problemas serem comuns a todas as comunidades, embora existam outros que são específicos a cada uma delas. Há um movimento de conscientização semelhante acontecendo com cada categoria profissional.

Pretendo apresentar às comunidades uma proposta de se escrever e sistematizar o conhecimento obtido no estudo que está sendo feito em cada uma delas, incluindo os problemas típicos de cada categoria profissional. Esta sistematização servirá para traçar uma proposta de Estratégia de Desenvolvimento do município a ser entregue aos vereadores, ao prefeito, a deputados e senadores, e ao governador. Entende-se que esta seria uma forma de levar as autoridades a perceber o posicionamento do povo do interior.

Para atender à necessidade de formulação desta proposta, encarregaram-me de elaborar um texto de apoio contendo um diagnóstico da realidade a partir dos estudos feitos até agora. Este diagnóstico poderia incluir os depoimentos obtidos nas entrevistas realizadas com pessoas de cada categoria profissional das diferentes

comunidades. Esta síntese, que está sendo elaborada no presente momento, deverá ser encaminhada brevemente às comunidades em forma de carta circular.

Após a apresentação da síntese, serão feitas reuniões com todas as comunidades, que serão gravadas para permitir a realização, junto com representantes das diferentes comunidades, da escolha dos problemas que são comuns a todos e daqueles que são específicos, e da formulação de propostas de encaminhamento e de resolução.

A concretização desta proposta vai depender da possibilidade de se encontrar espaço em uma universidade próxima, para a feitura deste tipo de trabalho. A Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina e a Universidade Federal de Santa Catarina mostram-se interessadas neste tipo de trabalho de pesquisa. A tradução desse interesse em ação pode servir para unir professores e estudantes da região, que estudam e lecionam diferentes disciplinas em diferentes áreas, na formação de equipes interdisciplinares de pesquisa-ação.

A organização de uma equipe desta natureza evitaria o isolamento intelectual que pude sentir no decorrer da minha experiência, e permitiria o envolvimento, na pesquisa-ação, de uma parcela bem maior da população. A proposta de Santa Rosa de Lima poderia ser discutida, juntamente com outros trabalhos semelhantes que porventura estejam sendo realizados na região. Há inclusive uma experiência deste tipo em realização em uma colônia de pescadores situada no interior da ilha de Santa Catarina. Caberia à equipe interdisciplinar a que me referi a realização de estudos preliminares e a coordenação dos trabalhos em andamento, além da verificação da possibilidade de realizar reuniões regulares de pesquisadores envolvidos neste tipo de atuação, ou mesmo de um trabalho conjunto.

6. Perspectivas

A expansão do sistema capitalista levou à formação de comunidades agrícolas isoladas que tiveram de se voltar para si mesmas para conseguir sua subsistência. Esta mesma expansão do capital voltaria a recuperar o seu domínio através da promoção da mo-

dernização da agricultura que desarticulou o processo de auto-gestão que até então se desenvolvia.

Percebe-se, então, a existência, de um lado, de um movimento que pode ser chamado de resistência da população à mudança das práticas culturais ligadas à agricultura, à vida familiar, e à vida comunitária; de outro lado, percebe-se um movimento de desarticulação da vida comunitária voltada para si mesma, o que promove a dependência de recursos externos. Isto pode ser ilustrado pela análise do processo de modernização da agricultura, que trouxe consigo, de uma parte, o aumento da produção, e de outra parte, o aumento da dependência dos sistemas externos agrícolas e industriais, que fornecem desde os equipamentos cada vez mais caros que têm de ser comprados, até o pessoal voltado para o setor de serviços. Acrescente-se a introdução do crédito agrícola pelos bancos e de novas formas de comercialização da produção pelas empresas agro-industriais.

O antigo colono, até então voltado para a agricultura de subsistência, quando não se viu transformado em empregado direto das empresas que se instalaram na região, tornou-se um empregado indireto por depender das empresas agro-industriais. Talvez esteja aí um desafio para o trabalho de pesquisa-ação: descobrir na história próxima do povo o modo como se articula a dominação e a exploração promovidas pelo sistema capitalista. Esse estudo poderia trazer elementos úteis ao esforço daqueles que pretendem lutar pela superação de sua condição de oprimidos.

A resistência consciente ganharia força com a recuperação dos valores culturais ligados à auto-gestão comunitária. Um estudo crítico das atuais práticas agrícolas poderia permitir a percepção dos meios de obtenção de maior independência, por exemplo, através da constituição de cooperativas de financiamento e comercialização. A auto-gestão no contexto da participação política a nível do município poderia levar à aquisição de maior poder político pela população.

NOTAS

1. No Anexo 1 está o cronograma, que apresenta alguns passos previstos do projeto inicial.
2. No Anexo 2 estão algums questionários aplicados em três comunidades na etapa de coleta de dados iniciais.
3. No Anexo 3 está a transcrição da fita do áudio-visual.
4. No Anexo 4 está a transcrição da fita de uma das reuniões realizadas na época da campanha eleitoral.

ANEXO 1 - CRONOGRAMA

C R O N O G R A M A

Março a julho de 1981	- Elaboração da Síntese Precária e projeto de dissertação.
Agosto a dezembro de 1981	- Elaboração do questionário para levantamento de dados empíricos da realidade local.
Janeiro e Fevereiro de 1982	- Aplicação do questionário e entrevistas..
Março a julho de 1982	- Tratamento dos dados. Elaboração em audio-visual de uma síntese descritiva da realidade.
Agosto a dezembro de 1982	- Apresentação da síntese às comunidades, discussão e elaboração de um Programa Municipal de Educação.

A N E X O 2

QUESTIONÁRIOS APLICADOS NA FASE DE COLETA DE DADOS.

Família Entrevistada: Nelson Torquato.

Comunidade: Santo Antônio.

QUESTIONÁRIO

1. Relação dos familiares que moram em casa

	NOME	DATA NASC.	FORM/ESC.	PROFISSÃO
1.	Nelson	04/04/1954	3º ano	Empregado/Madeira
2.	Nilza	07/03/1956	1º ano	Agricultura
3.	Pedro	22/12/1973		
4.	Marlene	29/06/1975		
5.	Marluce	22/01/1978		
6.				
7.				
8.				
9.				

2. Membros de Família que moram em outros lugares

	NOME	EST/CIVIL	LOCAL DA RESIDÊNCIA	ANO/MUD.
1.				
2.				
3.				
4.				
5.				
6.				

3. Há quanto tempo a família mora no local ?

6 anos

4. A casa é construída:

- Há quanto tempo: 10 anos
- Tamanho da casa: 6 x 8 m²
- Nº de quartos: 4
- De Alvenaria ( ) De madeira (X)
- Energia elétrica ( )
- Chuveiro

Instalação Sanitárias:

- Banheiro Completo ( )
- Fossa Séptica (X)
- Água ( )
- Não tem ( )

5. A casa tem:

( ) geladeira ( ) televisão

(X) rádio ( ) Máquina de lavar

( ) fogão a gás (X) lenha ( ) Forno (X) toca-discos

( ) freezer ( ) liquidificador

( ) batedeira-bolo ( ) secador-cabelos.

6. Qual o programa que mais assiste na TV ?

____

7. Qual o programa que mais ouve no rádio ?

Radio Santa Catarina - Informativo das 12

8. Quais as dificuldades que sente no atendimento medico e quais as sugestões para a melhora ?

____

____

9. Quais as dificuldades que sente no atendimento dentario e quais as sugestões para a melhora ?

distância e falta de condução

____

10. Quais as dificuldades que sente para frequentar a escola; e quais as sugestões para a melhora ?

- Na compra de material escolar: _______________

____

- Na distância. _______________

____

- Na eficiência do professor: _______________

____

11. As crianças gostam da merenda escolar ?

____

11. Pessoas da família que concluíram a 4a. série do 1º grau.

1. _______________ idade _______ ano conclusão _______________

2. _______________ idade _______ ano conclusão _______________

3. _______________ idade _______ ano conclusão _______________

12. Pessoas da família que concluíram o 1º G. e estão no 2º grau.

1. _______________ idade _______ série _______ local _______________

2. _______________ idade _______ série _______ local _______________

3. _______________ idade _______ série _______ local _______________

13. Pessoas da família que concluíram o 1ºG. e não estão estudando mas, gostariam de continuar os estudos:

1. _______________ idade _______ ano conclusão _______________

2. _______________ idade _______ ano conclusão _______________

3. _______________ idade _______ ano conclusão _______________

14. Pessoas da família que estão fora fazendo outros cursos:

1. _______________ idade _______ curso _______________ local _______________

2. _______________ idade _______ curso _______________ local _______________

3. _______________ idade _______ curso _______________ local _______________

15. Observações gerais:

Nelson é empregado na firma mas tem 1 lote e meio de terra

Joni Carrador

X

Empreitada

X

1 ano

X

1 Alq 37.5 hectares

8

37.8

Discriminação: Área ... 1/3 ... Área ... 10 ha.

Sacatagens 5 ha. Capoeira 190 ha.

Mata Virgem ... ha.

O que planta na propriedade (indicar a área ou nº de pés plantados)

Milho: ½ saco | Batata doce: pro gasto.
Ramos: | Batata inglesa: "
Feijão: pro gasto | Cebola:
Arroz: pro gasto | Melancias: "
Mandioca: | Legumes: "
Reflorestamento: | Frutas: /

Fruticultura: ...

... (Nº de pés plantados) ... (Nº de pés)

Equipamentos agrícolas utilizados na propriedade:

... Ano ...

Tipo de criações e quantidades na propriedade ...

Bois: 20 ... 10 ... Queijo: ... Kg/dia
... 4 ... Cabritos: ...
Galinhas: 60 ... 23 Ovos/dia: 1 duzia
Abelhas: ... Mel: ... Kg Cera: ... Kg.
Açudes: ... Peixes: ...

X

Algum fumicultor de Santa Rosa

Entrevistado: Santos Mateus Rabelo

Mateus	7/ Agosto /33	Primário 4º	comerciante
Marina	25/ Janeiro /45	Primário 4º	Ag. Comércio
Maristela	29/ Abril /65	2º série 2º G	Estudante
Marli	15/ Jan. /67	8º série 1º G	Estudante
Mauro	20/ Dez. /68	6º série 1º G	Estudante
Marcio	29/ Out. /70	5º série 1º G	Estudante
Marcelo	13/ Out /74	2º série 1º G	Estudante

Maristela - 2º série 2º grau - Rio Fortuna
Marli - 8º série 1º grau - Rio Fortuna
Obs: Todas as pessoas q. estudam têm interesse de continuar os estudos.
± 2 meses

5) A casa é construída
Há quanto tempo 8 anos?
De alvenaria ( )
De madeira X

6) A casa tem
(X) energia elétrica
(X) geladeira a gás
( ) televisão
(X) rádio à pilha
( ) máquina de lavar roupa
(X) fogão a gás
( ) ventilador
(X) chuveiro de água fria
( ) instalação sanitária
( ) pia
( ) liquidificador
( ) enceradeira
( ) batedeira de bolo
(X) n.a água?

7) Qual o programa que mais existe na TV?

8) Qual o programa que mais ouve no rádio?
Radio Tuba - Jornal 1/2 dia - Às vezes - "Informativo Rural" - "Entardecer na Roça"

9) Quais as dificuldades que sente no atendimento médico?
Não tem assistência na área. Com falta de transporte fica difícil depende do vizinho. O povo vai para Rio Fortuna. 1 vez por semana vão para Sta Rosa.

10) Quais as dificuldades que sente no atendimento dentário?
Não utilizou o atendimento dentário.

11) Quais as dificuldades que sentem para frequentar a escola?
Falta de transporte. A distância.

Observações que acha importante:

PARA COMERCIANTES

1) Tipo de comércio a que se dedica :
(X) Bar (X) armazém (X) roupas e calçados (x)

2) Origem da mercadoria vendida:
(X) compra no atacado ( ) compra direto da fábrica
( ) compra de viajantes ( ) compra de outros comerciantes
(X) compra dos colonos

3) Bens que possui ?
18 hectares de terra - S. José
1 casa acompanhada do armazém

QUESTÕES PARA DEBATE

4) Como os comerciantes defendem os seus interesses ?

5) Quanto tempo trabalha no comércio ? O comércio tem futuro ?

- Trabalha há bastante tempo no comércio, porém aqui na região não tem muito futuro se acabar a madeira. Enqto o comércio da madeira for bem o armazém também vai.
- O produto fica encarecido pela distância do frete e pela estrada que é de ruim acesso. Aqui chove não há possibilidades de receber mercadoria;
- Não há instituições que defendam ou que apoiem o comerciante assim como não há fiscalização.

Valberti Roecker

Rio do Meio

1. Relação dos familiares que moram em casa

NOME	DATA NASC.	IDADE	PROFISSÃO
Valberti	12/08/1947	30 anos	Agricultor
Olinda	04/06/1949	20 anos	Agricultora
Gilmar	30/06/1972	3º ano	
Raquel	03/09/1976		

2. Membros da família que moram em outros lugares

NOME	EST. CIVIL	LOCAL DA RESIDÊNCIA	ANO/GRAU

3. Há quanto tempo reside no meio local ?

1 ano

4. A casa é construída

Há quanto tempo 1 ano

Tamanho da casa 6 x 15 m²

Nº de quartos 7

- De Alvenaria ( ) de madeira (X)
- Energia elétrica (X)
- Chaveiro (X)

Instalações Sanitárias:

- Banheiro Completo (X)
- Fossa Séptica ( )
- Água ( )
- Nenhum ( )

5. A casa tem

- (X) geladeira
- (X) radio
- ( ) fogão a gás
- ( ) freezer
- ( ) batedeira-liquidificador
- ( ) televisão
- ( ) máquina de lavar
- ( ) rádio-toca-discos
- (X) liquidificador
- ( ) secador-cabelos.

Qual o programa que mais assiste o ?

Qual o programa que mais [illegible] ?

Tubá - Informativo das 12

Quais as dificuldades que sente no atendimento médico e quais as sugestões para a melhora ?

Distância, falta de condução

Quais as dificuldades que sente no atendimento dentário e quais as sugestões para a melhora ?

Distância - falta de condução.

Quais as dificuldades que sente para frequentar a escola e quais as sugestões para a melhora ?

Na compra de material escolar:

Na distância: 25

Na deficiência do professor:

As crianças gostam da merenda escolar ?

Gosta

Pessoas da família que concluíram a 4ª série do 1º grau:

1. _____ idade _____ ano conclusão _____
2. _____ idade _____ ano conclusão _____
3. _____ idade _____ ano conclusão _____

Pessoas da família que concluíram o 1º G. e estão no 2º grau:

1. _____ idade _____ série _____ local _____
2. _____ idade _____ série _____ local _____
3. _____ idade _____ série _____ local _____

Pessoas da família que concluíram o 1º G. e não estão estudando mas, gostariam de continuar os estudos:

1. _____ idade _____ ano conclusão _____
2. _____ idade _____ ano conclusão _____
3. _____ idade _____ ano conclusão _____

Pessoas da família que estão fora fazendo outros cursos:

1. _____ idade _____ curso _____ local _____
2. _____ idade _____ curso _____ local _____
3. _____ idade _____ curso _____ local _____

Observações gerais:

Valberti Roecker é membro da diretoria da Igreja.

X

Q tamanho (em hectares) da propriedade ?

27 hectares

Discriminar: Área arada: 1 ha Área arável: 7. Ha.

Pastagens: 7 Ha. Capoeira 19. Ha.

Mata Virgem: ______ Ha.

O que planta na propriedade ? (Indicar a área ou nº de pés plantados)

Milho: 1 ha. Batata doce: 5 mil pés.

Fumo: 20 mil pés. Batata inglesa: pro gasto.

Feijão: ______ Cebola ״

Arroz: ______ Melancia: ״

Mandioca: 5 mil pés Legumes: ״

Reflorestamento: 200 pés Frutas: 20 pés.

Se planta fumo:

Galpão ______ (Mil pés plantados) Estufa 20. (Mil pés)

Equipamentos agrícolas utilizados na propriedade:

Arado (X) Micro trator ( )

Carpideira (X) Picador ( )

Grade (X) Trilhadeira ( )

Adubadeira e semeadeira (X) Cevador ( )

Estufa Pilador ( )

Máquina de amarrar fumo (X) Batedor ( )

Trator Outro tipo ______ Ano ______

Tipo de criação e quantidade da produção dos derivados

Gado 7 cabeças Leite ______ litros dia Queijo ______ KG/dia.

Porcos 1 Coelhos ______ Cabritos 1

Galinhas 85 Outras Aves ______ Ovos/dia ______

Abelhas ______ caixas Mel ______ kg Cera ______ Kg.

Açudes ______ nºs Tipos de peixes ______

[illegible] as que [illegible] [illegible]

Adubação [illegible] (X)	Conservação do solo ( )
Adubação orgânica (X)	Esterqueira ( )
Pastagem [illegible] ( )	[illegible] ( )
Silagem ( )	Gado de Raça ( )

QUESTÕES PARA DEBATE

1) Com o aumento dos preços dos adubos, dos juros dos financiamentos agrícolas e a falta de melhor preço para o milho e o feijão, quais são as alternativas para o colono que cultiva uma pequena área?

2) Quem é que decide os preços do fumo ? Algum fumicultor de Santa Rosa de Lima participa do sindicato ?

3) Qual é a função do sindicato rural ?

Nome do Entrevistado: AMANTINO FELTHAUS

Localidade: NOVA FÁTIMA

QUESTIONÁRIO

1. Relação dos familiares que moram em casa

NOME	DATA NASC.	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO
AMANTINO	05/11/1946	1º Grau	Professor
Catarina	06/06/1944	4ª primária	Agricultura
Ney	12/08/1969	4ª primária	"
Marlide	26/10/1970	4º primário	

2. Membros da Família que moram em outros lugares

NOME	ESTADO CIVIL	LOCAL DA RESIDÊNCIA	ANO/GRAU

3. Há quanto tempo a família mora no local ?

14 anos

4. Casa é constituída

- De quanto tempo: 50 anos
- Tamanho da casa: 10 x 11 m²
- Nº de quartos: 6
- De alvenaria [X] De madeira [ ]
- Energia elétrica [ ]
- Chuveiro
- Casa tem

[X] geladeira
[X] radio
[ ] fogão a gas [X] lenha [ ] forno
[ ] freezer
[ ] batedeira-bolo

Instalações Sanitárias

- Banheiro Completo [ ]
- Fossa Septica [X]
- Agua [ ]
- Não tem [ ]

[ ] televisão
[ ] Máquina de lavar
[ ] toca-discos
[ ] liquidificador
[ ] secador-cabelos

Qual o programa que mais assiste na TV ?

____

Qual o programa que mais ouve no rádio ?

Tubá - Informativo das 12.

8 Quais as dificuldades que sente no atendimento medico e quais as sugestões para a melhora ?

Não -

____

9. Quais as dificuldades que sente no atendimento dentario e quais as sugestões para a melhora ?

Dependendo do atendimento

é no sindicato trabalho maior particular

10 Quais as dificuldades que sente para frequentar a escola e quais as sugestões para a melhora ?

- Na compra de material escolar ________________

____

- Na distância. ________________

____

- Na eficiência do professor: ________________

____

11 As crianças gostam da merenda escolar ?

____

12 Pessoas da familia que concluiram a 4ª serie do 1º grau.

1. Marlide - ________ idade ______ ano conclusão ______

2. ________________ idade ______ ano conclusão ______

3. ________________ idade ______ ano conclusão ______

12 Pessoas da familia que concluiram o 1º g. e estão no 2º grau.

1. ________________ idade ______ serie ______ local ______

2. ________________ idade ______ serie ______ local ______

3. ________________ idade ______ serie ______ local ______

13 Pessoas da familia que concluiram o 1ºG. e não estão estudando mas, gostariam de continuar os estudos:

1. ________________ idade ______ ano conclusão ______

2. ________________ idade ______ ano conclusão ______

3. ________________ idade ______ ano conclusão ______

14 Pessoas da familia que estão fora fazendo outros cursos:

1. ________________ idade ______ curso ______ local ______

2. ________________ idade ______ curso ______ local ______

3. ________________ idade ______ curso ______ local ______

Observações gerais:

____

____

[illegible]: Escola Isolada de Nossa [Senhora de] Fátima

[illegible]: Anantino Felthaus

[illegible] .... [illegible] .... [illegible] ....

[illegible]: 11.100,00

[illegible] Escola [illegible]:

[illegible]: 2 ½ anos

[illegible] (X) [illegible] madeira

Tamanho da Escola: 9x4

Energia elétrica: sim (X) não ( )

[illegible]: sim

[illegible] Escola tem:

[illegible]: 2 nº. | cozinha: 1

nº de carteiras: 40 | fogão: 1 à gás

nº armário: 1 | nº apagador: 3

filtro: [illegible]

[illegible] quanto tempo você é professor: 11 anos

[illegible] o horário de a aula? matutino - 8 às 12 hs

Você utiliza algum material pedagógico para desenvolver seu trabalho? Quais?
Enciclopédia, dicionários, material fornecido pela S.E.EC - SC.

Qual o material que você usa com os alunos para dar aula?
É o fornecido pela SEEC

Quantas vezes, ao ano, recebe orientações pedagógicas da coordenadoria?
E como são feitas essas orientações?
Todo o fim do mês e a visita da coordenadora | Todas as questões ligadas ao ensino ela aborda

Quantos alunos estão matriculados:

na 1ª serie: 2 | na 2ª serie: 5

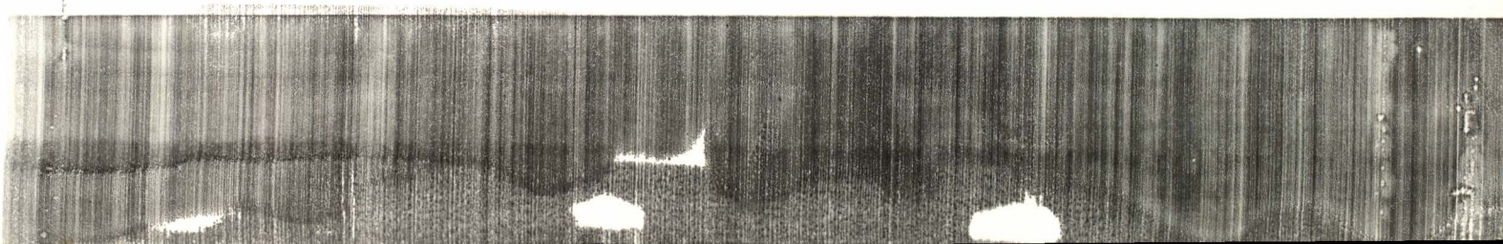
na 3ª serie: 10 | na 4ª serie: 7

Quais as dificuldades que encontra para trabalhar com os alunos de series diferentes? Tem dificuldades por questão de ter que dar uma atenção em todos.

O e tipo de merenda escolar a escola recebe e como é destribuida?
Feijão, arroz, carne moída, bolacha, leite, [illegible]. O feijão deu a cada aluno para plantar em casa (1kg)

Obs: Este ano achou que a cartilha que era fornecida pela Secretaria E.E.C. não era boa comprou uma nova cartilha: CAMINHO SUAVE - Comunicação e Expressão
Para o prof. a repetência não acontece mas se for necessário deixa alguns

ANEXO 3 - TRANSCRIÇÃO DA FITA DO ÁUDIO-VISUAL



Gente de Santa Rosa, companheiros e companheiras! Vamos falar aqui, um pouco da nossa história, da história da nossa gente.

Será que nós ja nos perguntamos isso: o que é Santa Rosa de Lima?

Alguma coisa podemos dizer: Santa Rosa de Lima já ficou famosa por ser a menor cidade do Brasil. Somos aqui um mil e setecentos habitantes. Entre nós há muita gente de origem alemã. Há outros que são descendentes de açorianos e, ainda outros, dos italianos que se estabeleceram numa colônia da costa da serra. Foi por volta de 1912, há setenta anos que os primeiros colonos chegaram em Santa Rosa de Lima, nas cabeceiras do Rio Braço do Norte, afluente do Rio Tubarão.

Quem é que se lembra da história desta colonização? Dos costumes e das tradições destes heróis do passado? Há o perigo - minha gente - desses costumes e dessas tradições serem esquecidos na medida em que vão morrendo os mais velhos. Mas, onde é mesmo que aparecam ainda as coisas do nosso passado? É na maneira de trabalhar dos colonos, nas domingueiras e nos casamentos, no nosso jeito de viver em Santa Rosa que percebemos ainda a influência da cultura dos três povos colonizadores: o açoriano, o alemão e o italiano.

Mas, quem é ai que ainda tem medo de história de assombração do mato? O mato quase não existe mais. Pelo menos na quantidade que existia quando aqui chegaram os colonos. Eles iam chegando e derrubando o mato. Depois levantaram barracos cobertos com palha ou tabuinhas - eta barraco bom! - Mais tarde ja moravam em casas de tijolo batido a mão. E as roças? Eles faziam as suas roças plantando de tudo um pouco. Para vender lá fora tinha toucinho de porco que era levado até o litoral por cargueiros ou carros de boi.

Quanto trabalho e quanto suor derramado!

A colônia ia se desenvolvendo e produzindo quase tudo que precisava. Olha as primeiras tafonas, /olarias, /serrarias pi-a-vau, engenhos de açúcar e de farinha, /ferrarias, alambiques. Tudo isso em tão grande quantidade que os colonos dependiam de muito pouca coisa que vinha de fora.